

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**MODERNISMO MINEIRO: SOCIABILIDADE E PRODUÇÃO
INTELECTUAL NA DÉCADA DE 1920**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História por Jesana Lilian Siqueira.

Orientador: Prof. Dra. Sônia Cristina da Fonseca Machado Lino

Juiz de Fora

2008

Banca Examinadora

Profª Drª Sônia C. Da Fonseca Machado Lino - Orientadora

Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata - Presidente

Profª. Drª. Helena M. Bousquet Bomeny – Membro Titular

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos os amigos e familiares que me acompanharam neste período de trabalho sempre com carinho, principalmente meu pai José Siqueira e mãe querida Lucimar Siqueira pelo apoio incondicional.

Agradeço à professora Dra. Sônia Cristina da Fonseca Machado Lino pela orientação e atenção, aos professores Dr. Alexandre Mansur Barata, Dra. Maraliz de Castro Vieira Christo e Dra. Helena Maria Bousquet Bomeny pela presença com idéias e experiências que vieram enriquecer e estimular a pesquisa. E ainda ao poeta e escritor Joaquim Branco que contribuiu de forma considerável com seu trabalho e palavras de incentivo.

A todos um grato Abraço!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
I. CAMINHOS DO MODERNISMO NAS GERAIS.....	13
I.1 Jovens intelectuais de Minas.....	13
I.2 O movimento na capital Belo Horizonte.....	19
I.2.a Jovens intelectuais em uma jovem capital.....	21
I.2.b Perfil dos modernistas da Rua da Bahia.....	25
I.2.c Os primeiros ares modernistas.....	32
I.3 O movimento na cidade de Cataguases.....	34
2. MEMÓRIA E SOCIABILIDADE INTELECTUAL.....	43
2.1 Formação das redes de amizade e convivência.....	48
2.2 Espaços e locais de sociabilidades.....	58
3. MODERNISTAS EM AÇÃO.....	62
3.1 Redes.....	62
3.2 Projetos.....	71
CONCLUSÃO.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	84

RESUMO

A dissertação analisa o movimento modernista em Minas Gerais na década de 1920, dando destaque a relação estabelecida entre os intelectuais e a produção cultural destes atores. Neste contexto, o conceito de socialidade fundamenta a pesquisa privilegiando a escrita auto-referencial e as revistas publicadas no período como fontes que permitem ao pesquisador percorrer os possíveis caminhos que levaram à formação de dois grupos modernistas em Minas – O *Grupo do Estrela* de Belo Horizonte e o *Grupo Verde* de Cataguases.

Estes dois grupos são responsáveis pela publicação dos periódicos *A Revista* e *Revista Verde: mensário de arte e cultura* que divulgaram a produção mineira e estabeleceram o diálogo dos jovens intelectuais com grandes nomes do Brasil e do exterior. Ansiosos por construir uma nação moderna, os jovens de Minas se juntam aos demais modernistas e fazem uso de seus respectivos periódicos como instrumento de ação, abrindo espaço para uma nova cultura genuinamente nacional já liberta do academicismo e do estrangeirismo.

Portanto, a pesquisa busca contemplar as questões que envolvem as redes de convivência, os diálogos, e as trocas que se dão neste momento, pontos fundamentais para compreendermos os processos de formação e o modo de agir destes intelectuais.

ABSTRACT

This paper analyses the modernist movement in Minas Gerais during the decade of 1920 focusing on the existing relation between intellectual people and their cultural production. In this context, the concept of sociality is the basis of this research and we focused our attention on self-referential writing and magazines published during that period as sources that make possible for the researcher to find the origin of two modernist groups in Minas – “O grupo do Estrela” (Star Group) from Belo Horizonte and “Grupo Verde” (Green Group) from Cataguases.

These two groups are responsible for publishing the magazines: “A Revista” (The Magazine) and “Revista Verde: mensário de arte e cultura” (Green Magazine: monthly publication of art and culture) that have made Minas Gerais production public and have allowed the contact between intellectual young people and famous names from Brazil and other countries. The young people from Minas were anxious to build a modern nation so they joined other modernist people and used their magazines as keys to open possibilities for a national culture free from academicism and foreignism.

Therefore this paper wants to analyze the aspects that involve acquaintanceship, dialogues and exchanges occurred in that time, which are all important points to understand these intellectual people’s formation process and their way to act.

INTRODUÇÃO

O movimento modernista eclodiu solidamente no Brasil na década de 1920, mais expressivamente na cidade de São Paulo com a realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Não demorou muito e novos pólos modernistas podiam ser encontrados também em diversos outros pontos do Brasil como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

O trabalho aqui apresentado volta-se mais especificamente para a análise do modernismo mineiro neste mesmo período. O grupo de intelectuais que se formou envolvido com o movimento em Minas vivia, naquele momento, uma realidade sócio-cultural marcada pelo crescente processo de urbanização, pelo cosmopolitismo, e pela ânsia de se alcançar a “modernidade”. Eles sofreram ainda os desdobramentos e as decepções de uma Primeira Grande Guerra Mundial e dos ideais de uma *Belle Époque* que parecia chegar ao fim. No Brasil, a dinâmica da Primeira República já mostrava sinais de crise e os mecanismos de poder dos grupos oligárquicos não mais respondiam às questões que se impunham socialmente. Neste contexto, os intelectuais brasileiros passaram então a elaborar novos questionamentos, com base neles, construíram respostas que apontavam para preocupações voltadas para o moderno, para a construção de uma nação moderna, e de um povo digno desta nação¹. A expansão das instituições culturais, do mercado editorial, e dos setores públicos são ainda outros fatores verificados neste período e também devem ser levados em consideração para se compreender a atuação destes atores sociais².

1 Lauherta, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da. (org.) **A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno**. São Paulo: UNESP, 1997. pp.93-95.

2 Miceli, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1979. pp. XV-XVI.

Diante do quadro exposto, buscaremos analisar o papel exercido por estes intelectuais no período descrito, levando-se em consideração que estes eram importantes atores pensando o Brasil, seus problemas e os possíveis caminhos a serem trilhados rumo à modernidade.

De uma forma geral, o modernismo no Brasil pode ser encarado como um movimento de múltiplas faces, que procurava movimentar a vida cultural do país, rompendo com as velhas fórmulas, com a literatura parnasiana, com o academicismo nas artes em geral e com todo um passado considerado retrógrado, pouco condizente com a necessidade de se construir uma cultura genuinamente brasileira.

No entanto, ao se olhar mais de perto suas formas de se manifestar, torna-se difícil falar em movimento modernista no Brasil, sendo mais prudente trabalhar-se com a idéia de modernismos no Brasil do século XX. Isso porque o olhar dos nossos modernistas se constrói como uma entidade híbrida, miscigenada que possibilita a junção de elementos diversos. O limite que se coloca é o da questão nacional, na busca de uma identidade local³. Mesmo ao tratarmos de pontos consensuais como, por exemplo, o repúdio ao estrangeirismo, a construção de novas formas de expressão verbal, a busca da independência formal, dentre outros, o que fica evidente a uma análise mais aprofundada é que, nos diversos grupos que se constituem, estes pontos tomam contornos diversos, mais ou menos acentuados, entendidos e vividos de formas diferenciadas.

Mas, ainda assim, uma característica unificadora importante perpassa todo o movimento. Esta seria o ideal de liberdade, de autonomia da arte, vivenciada no vocabulário, na sintaxe, na escolha do tema e na forma de interpretar o mundo. Tudo isso é claro dentro dos limites da questão nacional e do resgate da brasilidade. Este “espírito moderno”, esta liberdade estética própria das vanguardas vindas da Europa abria caminho para que se encontrasse, no cerne da cultura local, cores originais com traços distintos⁴.

3 FABRIS, Annateresa. Modernidade e Vanguardas: o caso brasileiro IN: FABRIS, Annateresa (org.). **Modernidade e Modernismo no Brasil**. São Paulo: Mercado das Letras, 1994. p. 14-15.

4 BOSI, Alfredo. A parábola das Vanguardas Latino-americanas in: Jorge Schwartz. **Vanguardas Latino-**

Em Minas, encontramos a manifestação de alguns destes modernismos do século XX, que vêm em defesa do mesmo “espírito novo”, da ânsia por renovação e pelas cores originais, sem deixar de apresentar suas características próprias. Assim sendo, propomos como tema central o estudo dos intelectuais modernistas de Minas e de suas redes relacionais dentro do movimento modernista. Recorremos para isso à análise das duas principais publicações no período: *A Revista*⁵ organizada pelo *Grupo do Estrela*⁶, de Belo Horizonte e *Verde: revista mensal de arte e cultura*⁷ de responsabilidade dos modernistas de Cataguases. Estes periódicos foram os porta-vozes dos mineiros, divulgando seus projetos e ideais. Além do papel de divulgação, estas revistas são também de fundamental importância para delinear as características destes intelectuais.

A fim de aprofundar o estudo destes e de seus projetos, torna-se indispensável ainda tentar percorrer o caminho da formação de suas identidades e de suas idéias, que se formam, transformam e se misturam na vivência das sociabilidades intelectuais. Ali no ambiente da redação das revistas, assim como nos próprios diálogos contidos nelas, esta sociabilidade é vivida e deixa rastros para que possamos investigá-la. Importante ainda é saber que ela não se detém ali, mas extrapola para a rua, para o clube, o cinema, o boteco, para diversos outros mundos que permitem a interação dos homens e de seus pensamentos. Portanto, é através da análise de seus ideais divulgados e das redes de sociabilidade envolvidas nestes projetos que buscaremos conhecer os modernistas de Minas daquela década de 1920.

americanas. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 19-25.

5 *A Revista*. Periódico modernista de apenas três números. Primeiro número publicado em 1925, Belo Horizonte. Reimpressão fac-similar dos três números com o patrocínio da Metal Leve, 1978. Direção: Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gregório Canedo. Pode ser encontrada no Centro de Estudos Murilo Mendes em Juiz de Fora.

6 Nome dado aos intelectuais mineiros que rotineiramente se reuniam no chamado Café Estrela situado à Rua da Bahia em Belo Horizonte.

7 *Verde*: revista mensal de arte e cultura. Periódico modernista em seis números. Primeiro número em 1927. Reimpressão fac-similar dos seis números com o patrocínio da Metal leve, 1978. Pode ser encontrada no Centro de Estudos Murilo Mendes em Juiz de Fora. Direção: Henrique de Resende, Martins Mendes, Rosário Fusco.

Propomos a análise da formação dos grupos, seus principais integrantes, suas características, seus contornos específicos frente às demais manifestações modernistas, seus interlocutores, suas relações, enfim, construindo, ao final, um quadro geral destes responsáveis pela agitação de um movimento cultural de importância para a história de Minas e do Brasil.

O objetivo acima apontado parte paralelamente da hipótese de que, como intelectuais, estes jovens viviam as questões de sua época e propunham respostas a elas. No cotidiano dos bares, das reuniões informais, dos estudos na faculdade, das redações de jornais e revistas, eles ouviam e diziam coisas que influenciariam diretamente seus pontos de vista e a elaboração de suas respostas.

Para identificarmos e analisarmos quais sejam as esferas que agiram na formação dos modernistas de Minas, torna-se necessário recorrermos aos pressupostos principais do que podemos chamar de “História dos Intelectuais” que transita pelos caminhos da História Cultural e Política sem deixar de ser Social⁸. Esta construção da história dos intelectuais dialoga diretamente com a nova história do político que vem se redimensionando após os ataques lançados pela primeira e segunda geração dos *Annales*, pela historiografia marxista e estruturalista. Estas correntes relacionavam-se à história política produzida até aquele momento, que se caracterizava por olhar o tempo histórico a partir da curta duração, partindo de um discurso narrativo e linear dos grandes personagens. Este contexto levou a história política como era produzida até então ao ostracismo, e toda gama de assuntos relacionados às ações, às tomadas de decisão, aos poderes, às instituições, à opinião pública e tudo o mais que se enquadrasse no universo mais amplo da política institucionalizada⁹.

8 SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. IN: RÉMOND, René. (org.). **Por uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.232.

9 FALCON, Francisco. História e Poder. IN: CARDOSO, Ciro F. S. & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Para René Rémond, o mesmo movimento desqualificador que teria atingido a história política da curta duração e dos grandes homens trouxe consigo as bases da nova história política, não mais se limitando ao estudo da política no sentido tradicional do termo, mas agora abarcando também o nível das representações sociais juntamente com as inúmeras práticas do discurso relacionadas ao poder¹⁰. É justamente neste rico cruzamento entre o cultural e o político que a história dos intelectuais vem buscar referências para compreender os comportamentos, o movimento das idéias e o processo de formação de grupos intelectuais e culturais. Levando-se em consideração o trabalho aqui proposto, estes são pressupostos de grande importância, já que definimos como objeto de estudo os grupos de intelectuais constituídos tanto no interior quanto na capital de Minas.

Para traçarmos o perfil destes grupos, na tentativa de definir quais foram seus projetos para o Brasil, as principais fontes analisadas serão, num primeiro momento, documentos produzidos pelos próprios intelectuais sobre si mesmos, com o objetivo direto ou não de servir para publicação, que depõem sobre suas vivências naquele período. Trabalharemos principalmente com as memórias de Pedro Nava – integrante do grupo modernista de Belo Horizonte – também com correspondência pessoal de alguns deles. Num segundo momento, aprofundaremos na análise dos dois periódicos já citados, publicados entre os anos de 1925 e 1929 – *A Revista*, *Revista Verde: mensário de arte e cultura*. Além de outros documentos esparsos como entrevistas, depoimentos, ou demais relatos que envolvam o tema.

Os dois periódicos listados, apesar de existirem num curto espaço de tempo, repercutiram fora dos limites do Estado, sendo comentados e aprovados por vários círculos culturais renomados como, por exemplo, entre os paulistas e cariocas. Com textos curtos e diversificados quanto aos temas tratados, as publicações almejavam atingir um público também variado, despertando o interesse pelas artes, literatura, música e cultura de uma forma geral. Mesmo guardando suas especificidades quanto ao destaque dedicado aos vários

10 FALCON, Francisco. Op.cit.p.

assuntos referentes às questões da modernidade, estão sempre crivados pela ânsia da liberdade e pelo nacionalismo que marcara o modernismo no Brasil.

Além de grandes propagadores dos projetos modernistas, os periódicos nos interessam ainda como lugares privilegiados para se estudar as redes de sociabilidade que se estabelecem entre os intelectuais tratados. Esta sociabilidade efetiva-se tanto no diálogo de idéias e relações culturais que se vinculam ao conteúdo dos números publicados, quanto fora das páginas da revista em ambientes formais e informais. Neste sentido, estamos trabalhando com o conceito de sociabilidade utilizado por Jean-François Sirinelli, que destaca a importância das revistas para se entender as estruturas elementares da sociabilidade intelectual. Segundo Sirinelli, estas se constituem como lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva sendo, portanto, fundamentais para a análise do movimento das idéias.¹¹

Também as correspondências pessoais e as memórias serão de grande valor. Estes documentos ligados ao gênero de escrita auto-referencial são interessantes, pois, através deles, podemos ter acesso a informações e dados dificilmente vinculados aos temas tratados nos periódicos como, por exemplo, assuntos de ordem pessoal ou do cotidiano.

A este corpo principal de fontes, procuraremos relacionar trabalhos e autores que se voltam ao estudo do tema principal e de seus correlatos diretos, além de outros possíveis documentos que se apresentem dialogando com a pesquisa, a fim de que possamos compreender este microcosmo intelectual, atingindo assim nosso objetivo acima definido.

11 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais IN: REMÓND, René.(org). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2003. p.249.

CAPÍTULO 1: CAMINHOS DOS MODERNISMOS NAS GERAIS

Dentro de Minas Gerais, o Movimento Modernista tomou dois rumos: o da capital Belo Horizonte e o do interior na cidade de Cataguases na Zona da Mata mineira. Não que estes dois caminhos nunca tenham se cruzado, havia sim um diálogo entre os movimentos da capital e do interior que se traduzia principalmente em colaborações e trocas epistolares. No entanto, como veremos, a independência entre as duas vertentes do movimento existiu, principalmente como discurso. Em vários momentos, os intelectuais de Cataguases reafirmam esta independência frente ao movimento da capital, que lhe é anterior, como forma de destacar seus perfis e caminhos diversos. É evidente a dificuldade de se apresentarem ao público como um movimento cultural definido em suas bases e projetos, fica claro que se encontravam em processo de construção e, portanto, a utilização do discurso de diferenciação frente ao “outro” é um dos caminhos encontrados para definir o grupo.

Para trilharmos os dois caminhos de Minas, devemos antes analisar os atributos dos nossos atores históricos – os intelectuais modernistas mineiros – para em seguida, detalharmos a formação das redes que levaram à formação dos grupos do interior e da capital.

1.1 Jovens Intelectuais de Minas

Como definir o termo intelectual? Esta não é uma tarefa muito fácil. Vários conceitos podem ser aqui transcritos, no entanto, não é nosso objetivo, importa refletirmos sobre o termo a fim de ampliar nossa visão voltada ao tema central. A discussão referente aos intelectuais é antiga e já produziu inúmeros trabalhos. O termo intelectual pode ser considerado recente, surgido a cerca de um século, porém, os sujeitos históricos a quem ele se refere são demasiadamente antigos e pode-se mesmo considerar que sempre existiram em

todas as sociedades humanas. “Philosophes”, sábios, doutos, sapientes, vários foram os nomes usados para se tratar daqueles que em determinado período histórico eram apontados como responsáveis por produzir e transmitir idéias, símbolos, doutrinas, teorias e afins¹².

Como se pode perceber, o tema sobrevive ao tempo e ainda propõe um grande número de reflexões. No entanto, para o desenvolvimento deste trabalho, especificamente, nos deteremos nos seguintes pontos: Como caracterizar as formas de atividades intelectuais? E ainda, como distinguir os que exercem trabalho intelectual daqueles intelectuais formadores de uma categoria social? Partiremos de uma afirmação de Norberto Bobbio segundo a qual: *se é verdade que um intelectual desenvolve um trabalho não manual, é também verdade que nem todos os que desenvolvem trabalho não manual são intelectuais*¹³.

Segundo esta afirmativa o fato de a execução de determinado trabalho se realizar como atividade não manual não faz do agente que a executa um intelectual integrante de uma categoria diferenciada e reconhecida socialmente. Isto nos remete então, a outra afirmação, de Antônio Gramsci, para quem os critérios usados para distinguir o agrupamento dos intelectuais incorrem em erro metodológico ao se buscar este critério, no que é intrínseco às atividades intelectuais, ao invés de buscá-lo no sistema de relações estabelecidas por estes agentes intelectuais na dinâmica geral das relações sociais¹⁴. Sendo assim, o que caracterizaria um intelectual de fato seria a execução de uma função social específica reconhecida como tal.

Na verdade, o operário ou proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais. E já se observou que o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, se bem que sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam efetivamente a

12 BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o Poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997. p.110-111.

13 Idem p.114

14 GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p.7

posição do empresário da indústria¹⁵.

Diante das afirmações feitas, entendemos que os jovens modernistas são e foram identificados como intelectuais. A função social e o instrumental utilizado por eles são definidos pelas relações sociais estabelecidas entre eles e entre outros segmentos sociais que os reconhecem como produtores culturais sejam como poetas, críticos literatos, cronistas, romancistas, ou políticos.

Na função de intelectuais, estes atores assumem também um papel político. Aqui nos ocupam as questões que se referem à relação do intelectual com o poder político.

Norberto Bobbio nos apresenta a relação entre intelectuais e o poder, destacando cinco posições distintas. 1) os próprios intelectuais estariam no poder; 2) os intelectuais, mesmo fora do poder, exerceriam influência, fornecendo informações e propostas; 3) os intelectuais exerceriam a função de legitimar o poder; 4) os intelectuais seriam críticos constantes do poder, entendido como instrumento de opressão; 5) os intelectuais se auto-definiriam como indiferentes aos eventos políticos¹⁶.

Seria pouco fiel alojarmos os modernistas mineiros em uma dessas categorias simplesmente. A tipologia descrita serve apenas para nos indicar caminhos de reflexão. No decorrer dos tempos e no desenvolvimento de suas trajetórias, muitos destes intelectuais se tornaram intelectuais no poder, outros influenciaram com a sua produção, outros ainda assumiram uma postura crítica em determinados momentos e em outros se julgaram pouco importantes para o desenrolar dos fatos. O que queremos frisar é, acima de tudo, o papel político exercido por este grupo.

Em relação à difícil problemática de quem são os intelectuais, adoto a orientação de caracterizá-los como personagens culturais – criadores, ou mediadores, ou ainda

15 Idem p. 7

16 Bobbio se inspira em *Men of Ideas* (1965) de Coser para formar esta tipologia. BOBBIO, Norberto. op.cit.p. 104-105

divulgadores, pouco importa – mas sempre situados como pessoas políticas¹⁷.

Com esta afirmação não queremos concluir que os modernistas mineiros assumiram de forma direta algum cargo público ou função deste tipo – apesar disto realmente ter ocorrido no caso de alguns nomes – mas sim destacar a importância destes intelectuais e de suas obras para a realidade política do período e para os pesquisadores do presente que se voltam para a análise daquele tempo.

Esta relação com o poder político e ainda com as classes sociais dirigentes suscita inúmeros pontos conflituosos. O principal ponto é o que trata do engajamento do intelectual e o da autonomia de sua obra frente aos interesses do poder instituído. Neste período, é comum que este engajamento político se faça pelo exercício de algum serviço público e no caso dos modernistas mineiros da capital, isto é bastante visível. Seria esta vivência dentro do Estado efeito de uma simples cooptação ou ainda uma estratégia de negociação de interesses? Alguns autores se propuseram a esta pergunta e elaboraram respostas que passaremos a analisar.

Sergio Miceli, ao trabalhar a questão, procura na origem social destes intelectuais atuantes no período de 1920-1945, algumas respostas. Segundo o autor, os intelectuais “cooptados” pelo Estado eram em sua maioria filhos dos ramos pobres de famílias de estirpe que há muito monopolizavam as posições de prestígio e comando¹⁸. É graças a esta herança imaterial que eles tinham acesso facilitado nos círculos dirigentes. A opção pelas profissões intelectuais seria assim uma estratégia de reprodução dessas famílias além de representar a possibilidade de reverter-se a posição de declínio social a que se viam fadadas¹⁹. O autor destaca ainda a ampliação do campo editorial e das oportunidades dos empregos burocráticos no período como responsáveis pela ampliação do campo de ação dos intelectuais, mas

17 REIS FILHO, Daniel Aarão. Intelectuais e política nas fronteiras entre reforma e revolução. IN: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, História e Política**: séc. XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.12.

18 MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1979.

19 Idem p. 28.

acredita que o acesso a esse campo profissional era facilitado para aqueles possuidores de um capital social herdado somado ao capital escolar e cultural disponível.²⁰

Neste sentido, Miceli trabalha com a perspectiva de que a ação destes intelectuais deve corresponder às expectativas e aos interesses das classes dirigentes – das quais, de certo modo, fazem parte. Ao frisar a dependência financeira destes homens de idéias frente ao poder instituído, Miceli parece mesmo sugerir uma negociação que comprometeria a autonomia de suas obras pessoais²¹. O autor propõe apenas uma distinção entre os intelectuais que seria: os funcionários-escritores e os escritores-funcionários, cabendo aos últimos uma postura de maior neutralidade em relação ao Estado e uma maior autonomia de criação. Mas mesmo esta neutralidade parece ter muito a dizer – nas palavras do autor, *neutralidade benevolente*, nunca questionadora²².

Esta expressão de Sérgio Miceli, *neutralidade benevolente*, nos remete a outro autor e a uma nova expressão. Estamos falando agora de Carlos Nelson Coutinho²³ e da expressão *intimismo à sombra do poder*²³. Segundo Coutinho este intimismo seria a tendência do intelectual de cultivar em sua produção cultural e artística, expressões e formas ideológicas ligadas à sua intimidade subjetiva, provocando assim um isolamento frente aos problemas do povo-nação, evitando discussões referentes à ordem social constituída.²³ Esta tendência verificar-se-ia com maior frequência em sociedades que possuem uma *sociedade civil*²⁴ pouco desenvolvida e desarticulada. Deste modo, o autor admite diferentes graus de intimismo de acordo com as características de cada sociedade e desqualifica o que ele chama de teses

20 Idem p. XX-XXI.

21 Idem p. 158

22 Idem p. 187.

23 COUTINHO, Carlos Nelson.op.cit.p.24-25.

24 Sociedade Civil: entendida aqui como o conceito Gramsciano referente a um “conjunto de organismos ou de objetivações sociais, diferentes tanto das objetivações da esfera econômica quanto das objetivações do Estado. Esfera pluralista de organização de sujeitos coletivos em luta ou em aliança entre si.”In: COUTINHO, Carlos Nelson op.cit.p.18.

mecanicistas que afirmam ser o intelectual brasileiro, como intelectual, um membro das classes dominantes e, por isso, atrelado aos interesses elitistas e reacionários.

A questão é muito mais complexa. Em primeiro lugar, é certo que há uma tendência dos intelectuais ligados diretamente ao Estado no sentido de adotarem uma cultura intimista, elitista, mas essa tendência só se impõe na média, permitindo naturalmente exceções que não são poucas. E, em segundo lugar, essas exceções aumentam, tendem mesmo a deixar de ser exceções, no momento em que se estrutura uma sociedade civil, em que começam a se formar diferenciações no mundo da cultura: surge para os intelectuais, mesmo para aquele que continua ligado 'profissionalmente' ao Estado, uma possibilidade bem mais concreta de romper as paredes do mundo fechado do 'intimismo'²⁵.

Daniel Pécaut²⁶, ao trabalhar a questão, chama atenção para além do capital social herdado e destaca ainda a aquisição do saber socialmente valorizado como recurso importante para a ascensão intelectual²⁷. Este é um tipo de análise que problematiza a relação saber e poder e aponta uma variedade de tipos de interesses que não se limitam ao ingresso no funcionalismo do Estado.

Com isso, o autor descarta as conveniências do emprego público e das heranças imateriais como os principais motivadores do engajamento político destes intelectuais. O autor não ignora a existência destes fatores, apenas reduz sua importância na escala de análise, salientando a importância de se levar em consideração a interpretação política e a ação destes pensadores no contexto de seu tempo para se compreender seu papel político.

No caso do Brasil da década de 1920, Pécaut acredita que frente a uma desilusão quanto ao destino da República, que prolongava o poder das antigas oligarquias e dos poderes regionais, os intelectuais assumiram uma responsabilidade de ação política que refletia a necessidade de se construir a unidade nacional²⁸. O autor não elimina a questão dos interesses

25 COUTINHO, Carlos Nelson.op.cit.p.30-31.

26 PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a Política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

27 Idem p.21

28 Idem p. 21-22

em jogo, no entanto, entende que esses interesses têm sua consistência limitada e não agem de forma a determinar a ação política dos intelectuais.

(...) as convicções políticas não foram meramente ditadas pelas conveniências de acesso aos empregos, como também a circunstância de serem herdeiros sem herança não basta para explicar porque esses intelectuais se sentiam investidos de uma missão política. Para compreender este fenômeno é preciso considerar como interpretaram politicamente suas vicissitudes²⁹.

Diante do que já foi dito, vale ainda ressaltar que, no caso da análise dos grupos aqui trabalhados, o cuidado deve ser ainda maior na medida em que apesar de formadores de um mesmo movimento, os intelectuais de Minas constituíram carreiras individuais. No decorrer de suas trajetórias, fizeram opções políticas que devem ser analisadas dentro de seu contexto e com suas especificidades evitando-se generalizações que fogem à complexidade da realidade histórica.

1.2 O movimento na capital Belo Horizonte

Dentre os autores, que tomamos como referência e que trabalharam com a vertente do movimento modernista em Belo Horizonte, destacamos Fernando Correia Dias, Helena Bomeny, e Maria Zilda Cury.

Fernando Correia Dias em *O Movimento Modernista em Minas*³⁰ trabalha o grupo literário da capital numa perspectiva sociológica, destacando o contexto social no qual se inseriam os intelectuais modernistas. A tese principal sustentada na obra é a de que durante alguns anos os modernistas constituíram um grupo social bem definido, com estrutura efetiva ultrapassando os limites de um simples agregado ou categoria social³¹. Com base nessa

29 Idem

30 DIAS, Fernando Correia. **O Movimento Modernista em Minas**: uma introdução sociológica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

31 Idem, p. 12-14.

afirmação o autor perpassa a trajetória do grupo desde sua formação, suas bases de coesão, sua produção e conseqüente recepção pelo público, até a progressiva dispersão no início da década de 1930. Conclui reafirmando que os *rapazes do Estrela* – como eram conhecidos os modernistas – podem ser identificados como verdadeiro grupo social por apresentarem características próprias:

Era identificável enquanto grupo, tanto pelos seus componentes, quanto pelos que o visualizavam de fora (...). Estava estruturado. Evidencia-se a estrutura na prevalência da unidade do conjunto sobre as partes: subgrupos ou indivíduos. Evidencia-se a estrutura pelas relações interpessoais, pela hierarquia de status e pela presença de uma liderança (...). Possuía ainda interesses, valores e aspirações comuns (...)³².

Como se percebe na citação acima, o autor privilegia na sua análise o que considera pontos de identificação entre os jovens intelectuais observados a partir de códigos sociais que seriam partilhados por todos. Privilegia, portanto, as semelhanças que permitem olhar aqueles jovens como partes de uma totalidade expressa no *Grupo Estrela* e à qual as diferenças sociais e de pensamento se diluiriam.

Helena Bomeny opta por trabalhar o grupo mineiro sob outro ângulo e destaca a análise dos valores e características do que conhecemos como *mineiridade* – atributo dos naturais de Minas Gerais. Em *Os Guardiães da Razão*³³, a autora utiliza a noção de que os jovens intelectuais traduziam e racionalizavam um conjunto de atributos imputados aos mineiros e ao fazer político dos mineiros³⁴. Para isso, trabalha com os conceitos de “harmonia conflitual” de Simmel e com o de “racionalidade” de Max Weber para traduzir a mineiridade como estratégia conciliatória, construída em um contexto de permanentes conflitos. É sob esta perspectiva que Helena Bomeny desenvolve sua análise do grupo e de suas relações no seu tempo, discorrendo sobre os valores de Minas, atrelados à construção de

32 Idem, p. 145.

33 BOMENY, Helena. **Os Guardiães da Razão**: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

34 Idem, p. 16

sua moderna Capital marcada pela contradição entre o tradicional e o moderno, e que se torna palco da manifestação das primeiras produções modernistas no Estado.

Com o trabalho de Maria Zilda Ferreira Cury, temos os nossos intelectuais traduzidos em papel jornal. *Horizontes Modernistas*³⁵ é resultado de uma instigante pesquisa na qual a autora perpassa os momentos iniciais de formação do grupo e seus passos no jornal *Diário de Minas*. No jornal do PRM (Partido Republicano Mineiro), os modernistas chamaram atenção com uma atitude inovadora e revolucionária trazendo voz à renovação literária que ecoava no país. Ali também se calaram perante uma posição conservadora do jornal do Partido das oligarquias. Muitos foram os temas abordados em papel jornal pelo grupo da Rua da Bahia – outra designação para o grupo – e a análise do conjunto destes temas permitiu à Maria Z. Ferreira Cury construir um trabalho rico que contempla as principais características dos jovens intelectuais de Belo Horizonte, seus conflitos, seu desenvolvimento e sua repercussão na também jovem capital de Minas.

1.2 a) Jovens Intelectuais em uma jovem capital

Naquela década de 1920, a ainda jovem capital era palco dos devaneios, das noites de boemia e dos sucessos dos garotos modernistas. Mas qual seria a Belo Horizonte retratada em prosa e verso? Belo Horizonte inseria-se num contexto de amplas transformações verificadas em todo o Brasil. Em linhas gerais, neste período, o país passava por um crescente processo de urbanização e de aumento dos investimentos em industrialização, ao mesmo tempo em que se verifica a desaceleração da economia agrícola voltada para a exportação. Conseqüentemente, houve o fortalecimento de novos setores sociais como o operariado, os empresários industriais, os profissionais de nível superior e os técnicos especializados no âmbito público e privado. Politicamente, podemos destacar as revoltas militares, o desgaste

35 CURY, Maria Zilda Ferreira. **Horizontes Modernistas**: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

do poder das oligarquias agrárias, a organização de novas organizações partidárias e a expansão dos aparelhos do Estado. Além das transformações também no âmbito cultural com a criação de novos cursos superiores e expansão da rede de instituições culturais³⁶.

Diante de todos estes desdobramentos vale questionar como se posiciona o intelectual daquele período. Segundo Milton Lahuerta, todos estes fatos reforçariam a perspectiva de missão, forte entre os intelectuais do período e ,imbuídos nesta, estaria a preocupação com o nacional³⁷. Nesta mesma linha, completa Daniel Pécaut, destacando nos intelectuais sua vocação dirigente na execução de duas tarefas urgentes para o momento quais sejam: forjar uma consciência nacional e promover a organização da nação.

Organizar a nação, esta é a tarefa urgente, uma tarefa que cabe às elites. Delas os intelectuais têm ainda mais motivos para participar, na medida em que constitui um fato indissolúvelmente cultural e político: forjar um povo também é traçar uma cultura capaz de assegurar a sua unidade. Assim, apesar de suas discordâncias, convergem na reivindicação de um status de elite dirigente em defesa da idéia de que não há outro caminho para o progresso senão o que consiste em agir “de cima” e “dar forma” à sociedade³⁸.

É, portanto, em meio a esse amplo contexto que alguns rapazes provenientes de diferentes cidades mineiras se conheceram em Belo Horizonte e ali desenvolveram um projeto político literário que tão bem refletia as transformações que estavam em curso. Foi ali naquela jovem capital de aproximadamente 80.000 habitantes (1925)³⁹ com uma forte vocação político-administrativa que se formou o *Grupo do Estrela*.

Belo Horizonte neste período é sede do poder político e claro da oligarquia regional que detém este poder, pode-se mesmo dizer que a cidade foi uma capital de burocratas. E como já foi dito, vários dos jovens modernistas integram-se ao serviço público e exercem

36 MICELI, Sérgio.op.cit.p.XVI-XVII.

37 LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernidade, modernização. IN: LORENZO, Helena C.& COSTA, Wilma,op.cit.p.95

38 PÉCAUT, Daniel.op.cit.p.15

39 DIAS, Fernando Correia.op.cit.p.81.

funções burocráticas como funcionários do Governo de Minas⁴⁰.

A vida cultural da cidade desenvolveu-se desde muito cedo. Ali já se encontrava um bom número de pessoas letradas oriundas de outras localidades, principalmente da antiga capital, Ouro Preto. Desde sua fundação, não demorou muito para que fossem criados jornais, grêmios literários e organizadas conferências e edições de livros. Havia na capital as condições essenciais para a atividade literária, no entanto, todo este florescer cultural ocorreu de forma modesta, não conseguindo transpor o caráter provinciano da cidade⁴¹. Nota-se aqui outra característica de Belo Horizonte neste período, além de “capital dos burocratas” a cidade é também a capital que se move entre o tradicional e o moderno, entre o provinciano e o urbano. Este embate não se limita ao desenvolvimento cultural, mas está presente também em outros âmbitos.

A oscilação entre o conservador e o renovador está clara mesmo no planejamento da cidade. A capital é resultado de um projeto urbano moderno e inovador, mas que ao mesmo tempo obedece ao intento político das oligarquias⁴². A cidade foi traçada com o objetivo de manter separados fisicamente aqueles que já estavam segregados socialmente. Os terrenos das áreas centrais foram contemplados com melhores serviços de infra-estrutura, terraplanagem e urbanização, o que não ocorreu nas áreas mais periféricas. Assim sendo, a área central era constantemente valorizada com aumento dos preços de terras e aluguéis, forçando as camadas populares a se mudarem para terrenos mais afastados e de pior infra-estrutura⁴³. Era, portanto, um projeto moderno, mas em última instância conservador.

O caráter contraditório da cidade e de sua vivência cultural é relatado pelos modernistas e mesmo suas obras refletem os efeitos desta contradição. Ao mesmo tempo em que noticiam o desenvolvimento e desprovincianização da cidade, lutam contra o desânimo e

40 Idem p.84

41 Idem p.24.

42 CURY, Maria Zilda.op.cit.p.16.

43 Idem p.42

acanhamento da vida cultural. Um dos instrumentos nesta luta foi a publicação de *A Revista*. O jornal *Diário de Minas* assim noticia seu lançamento e retrata bem o que isto significou para o ambiente cultural da cidade.

(...) um belo gesto de coragem e de audácia no meio do desânimo, do ceticismo, da inércia e da estagnação reinantes e inteiramente injustificáveis num meio de estudos e de cultura, como é incontestavelmente o nosso.⁴⁴

Pedro Nava, em suas memórias, descreve com detalhes o lado quieto e provinciano da cidade, que amava o soneto, onde as moças não conversavam com rapazes, onde o discurso de notórios políticos eram obras antológicas, onde os Redentoristas davam a nota e onde alguns rapazes eram chamados pejorativamente de *futuristas* por perturbarem a ordem estabelecida⁴⁵. Drummond também ressaltou, em entrevista, o recato de Belo Horizonte e de suas senhoras que eram proibidas de aplaudir em teatros e ainda as dificuldades de rapazes de pouca inserção social – como ele próprio – de cortejarem as moças que eram rigorosamente veladas pelas famílias⁴⁶.

Nós éramos muito vítimas da organização social de Belo Horizonte, uma organização muito rigorosa. (...) O rapaz queria situar-se socialmente, queria conhecer moças, freqüentar casas e se não tivesse lá dois ou três parentes, em cuja casa ele fosse recebido, estava perdido, porque as famílias se fechavam. Nenhuma moça se aproximava de um rapaz sem conhecer plenamente, sem saber que ele era uma pessoa boa, correta, de bons costumes. A família velava, toda família velava⁴⁷.

As palavras de Nava e de Carlos Drummond de Andrade nos levam a compreender um pouco mais a sociedade que recebeu as primeiras manifestações do modernismo mineiro. Sigamos então na trilha modernista.

44 (Uma publicação Inteligente. *Diário de Minas* 04/07/1925). Apud. CURY, Maria Zilda F.op.cit.40

45 NAVA, Pedro. *Beira-Mar 4*/2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979p.179-182.

46 CURY, Maria Zilda F.op.cit.p.156

47 Idem p.156.

1.2 b) Perfil dos modernistas da Rua da Bahia

Partimos então para a análise da formação do Grupo de modernistas da capital conhecendo seus principais representantes.

Estes intelectuais, sob a liderança de Carlos Drummond de Andrade, eram em sua maioria estudantes do interior ou mesmo da capital, oriundos de setores médios da sociedade ou ligados à elite dirigente, que alimentavam relações afetivas de amizade e de afinidade cultural. Esta afinidade não encobre divergências entre eles, mas aponta para um objetivo comum compartilhado por todos que é a busca pela modernidade e renovação da vida cultural partindo de Belo Horizonte para o Brasil.

Segundo Pedro Nava, o grupo se formou ao redor de quatro nomes: Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade⁴⁸.

Por causa deles é que fomos nos conhecendo e tornamo-nos amigos Abgar Renault, Mário Casassanta, Aníbal Machado, Francisco Martins de Almeida, João Alphonsus de Guimarães, Hamilton de Paula, Pedro Aleixo, Mário Álvares da Silva Campos, Gustavo Capanema Filho, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Souza, Gabriel de Rezende Passos, João Pinheiro Filho, e eu e mais tarde, Dario de Almeida Magalhães, Ciro dos Anjos, Luis Camilo e o poeta Ascâncio Lopes Quatorze Voltas. Todos pensaram na Rua da Bahia, naquela subida que ia do Odeon ao Diário de Minas com o Estrela de permeio⁴⁹.

Estes são, portanto, os nomes envolvidos no modernismo mineiro de acordo com Nava. Alguns viveram mais intensamente as experiências da Rua da Bahia, outros vieram se juntar a eles num período posterior e outros ainda participaram de forma mais secundária. As relações de amizade não eram iguais, as afetividades eram distribuídas de formas diferentes e pessoais. A importância dos quatro elementos catalisadores – Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade – é citada várias vezes por Nava, e seguindo seus conselhos nos deteremos mais intensamente nestes nomes que centralizavam as

48 NAVA, Pedro.op.cit.p.175.

49 Idem.

relações do grupo no intuito de delinear o perfil do mesmo.

Alberto Álvares da Silva Campos era natural de Dores do Indaiá, onde nasceu em 13 de fevereiro de 1905. O jovem Alberto descendia de uma das famílias mais ilustres e poderosas do Estado, filho de Jacinto Álvares da Silva Campos e de Azejúlia Alves e Silva Campos. Em 1924, ele chega a Belo Horizonte e inicia o curso de Direito aos dezenove anos. Nava descreve o amigo como caloroso, humano, solidário, prestimoso, e lamenta o fato de Alberto Campos pouco ter publicado – faleceu ainda jovem com apenas 28 anos – destaca apenas o que considera uma pequena obra-prima publicada em *A Revista* chamada *Duas Figuras*⁵⁰.

Emílio Guimarães Moura também nasceu em Dores do Indaiá a 14 de agosto de 1902, assim como seu primo Alberto Campos também descendia de família ilustre – tronco dos Pompeo e sangue dos Caetano – filho de Eloy de Moura Costa e de Cornélia Guimarães Moura. Terminou seus estudos secundários já em Belo Horizonte no chamado Ginásio Mineiro e ali na capital também se bacharelou em 1928 na Faculdade de Direito da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Nava afetivamente destaca a mansidão, a bondade, a desambição, a oportunidade, a reserva, a inteligência, a capacidade de admirar e de querer do amigo, exaltando seu espírito⁵¹.

Após formar-se Emílio Moura voltou a Dores do Indaiá, lá foi nomeado professor de História e de História da Civilização da Escola Normal Oficial da cidade. Em 1931, já casado com Guanayra Portugal Moura, Emílio voltou a residir em Belo Horizonte e retomou sua atividade de jornalista com várias publicações em jornais e revistas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Neste mesmo ano, publicou seu primeiro livro *Ingenuidade*.

50 CAMPOS, Alberto. *Duas Figuras*. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Reimpressão fac-similar; Metal Leve 1978. p. 25-28.

51 NAVA, Pedro. op.cit.p. 160-166.

Foi também neste período que ocorreu a dispersão do grupo de modernistas, quando seus integrantes passaram a empenhar-se em projetos individuais com os quais alcançaram grande projeção. Emílio Moura construiria a partir de então uma ilustre trajetória como escritor com publicações importantes: *Canto da Hora Amarga* (1936), *Cancioneiro* (1945), *O Espelho e a Musa* (1949), com o qual ganhou o prêmio de poesia do Governo do Estado, *O Instante e o Eterno* (1953), *Antologia* (1961) e *Itinerário Poético* (1970) coletânea de todos os seus livros que lhe deu o Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro. Como quase todos os seus amigos da Rua da Bahia, Emílio Moura também ocupou cargos burocráticos no Estado, desempenhando as funções de diretor da Imprensa Oficial do Estado, redator do jornal Minas Gerais, Secretário do Tribunal de Contas e do Departamento Administrativo de Minas Gerais e Superintendente do Departamento de Educação da Secretaria de Educação. Atuou ainda na fundação da Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais, em 1945, da qual foi nomeado primeiro diretor. Emílio Moura faleceu em 28 de setembro de 1971⁵².

Milton Soares Campos alçou vôos mais altos dentro da política. Nasceu em Ponte Nova, a 19 de agosto de 1900, filho do Desembargador Francisco Rodrigues Campos e de Regina Soares Campos, assim descrita por Nava: Dona Regina era uma bela senhora, dos Soares, de Ponte Nova, família de políticos⁵³. O envolvimento de Milton Campos com a política em Minas é realmente algo marcante, seu pai foi Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e da Comissão que elaborou o anteprojeto da Constituição Mineira de 1935; seu tio Luís Martins Soares, chefe político em Ponte Nova ao longo da década de 1930 e 1940 foi membro da Constituinte Estadual de 1934 e Deputado Federal de 1935 a 1937; seu avô materno, Manuel Olímpio Soares, foi presidente da Câmara Municipal de Ponte Nova durante 25 anos, no início do período republicano; e ,ainda, seu tio-avô Antônio Martins Ferreira da Silva, foi vice-presidente de Minas Gerais entre 1910 e 1914 e Deputado Federal de 1915 a 1917.

52 [Http://members.tripod.com.br/emiliomoura](http://members.tripod.com.br/emiliomoura)

53 NAVA, P.op.cit.p.166

Em 1918, Milton Campos iniciou o curso na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, e já nos tempos de estudante, mostrou grande inclinação para o trabalho político. Seu primeiro emprego foi como funcionário da Estrada de Ferro Oeste de Minas, depois incorporada à Rede Mineira de Viação. Em 1921, movido por interesses anti-oligárquicos, foi um dos redatores do Manifesto que lançou a candidatura de Francisco Sales para o Governo de Minas Gerais, patrocinada pela Reação Republicana que promoveu ainda a campanha de Nilo Peçanha à Presidência da República – os dois candidatos da Reação foram derrotados por Raul Soares e Artur Bernardes em 1922. Ainda no ano de 1922, Milton Campos bacharelou-se, sendo nomeado em seguida para desempenhar a função de promotor em Mococa (SP), graças à influência e interferência do desembargador paulista Manuel da Costa Manso. No entanto, devido a um desentendimento com o Secretário de Interior de São Paulo, Campos não assumiu o cargo e seguiu para Dores da Boa Esperança (MG), onde passaria a exercer a advocacia. No interior não permaneceria por muito tempo, apenas um ano, retornando em 1924 para Belo Horizontes. Neste mesmo período, passou a se dedicar profissionalmente ao jornalismo tornando-se diretor da sucursal de *O Jornal* em Belo Horizonte e colaborador de *O Estado de Minas*. Participou também de *A Revista* entre 1925-1926 e em 1930 saudou o lançamento de *Alguma Poesia*, primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade, com um discurso em defesa do modernismo e da Antropofagia lançada por Oswald Andrade em 1927.

As atuações políticas de Milton Campos foram se tornando cada vez mais intensas com grandes realizações. Participou da Aliança Liberal que promoveu a candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa à presidência e vice-presidência da República nas eleições de 1930, quando a chapa de oposição foi derrotada pelos situacionistas com as candidaturas de Júlio Prestes e Vidal Soares. A vitória da situação foi contestada gerando um levante armado contra o Governo Federal, do qual Milton Campos será um dos apoiadores e que culminaria com o governo provisório comandado por Vargas. Com o novo governo, Milton Campos

integrou o Conselho Consultivo do Estado, que foi instaurado após o fechamento dos órgãos legislativos em 1930 e só extinto com Assembléia Constituinte Estadual em 1934. Foi também eleito Deputado Estadual pelo PP (Partido Progressista) exercendo seu mandato até o fechamento das instituições parlamentares, promovido pelo golpe que implantou o Estado Novo sob o comando de Vargas em 1937.

Alguns anos mais tarde, com o desgaste do Estado Novo e seu crescente descrédito frente à opinião pública, um grupo de oposicionistas mineiros, dentre eles Milton Campos, promoveu um Manifesto em favor da democratização do país, propondo a ruptura com o Estado Novo, que ficou conhecido como o Manifesto dos Mineiros de 24 de outubro de 1943, este teria sido o primeiro pronunciamento de setores liberais contra a ditadura do Estado Novo.

Milton Campos desempenharia ainda as seguintes funções públicas: Constituinte de 1946, Deputado Federal (MG) 1946-1947, Governador de Minas entre 1947-1951, novamente Deputado Federal (MG) 1955-1959, Senador (MG) 1959-1964, Ministro da Justiça 1964-1965, e novamente Senador (MG) 1965-1972. Suas publicações foram: *Compromisso Democrático* (1951), *Eleições Diretas* (1965) *Testemunhos e ensinamentos* (1972) *Limites MG-ES, sobre questões de limites MG-SP*. Milton Campos faleceu no dia 16 de janeiro de 1972, na cidade de Belo Horizonte⁵⁴.

Carlos Drummond de Andrade, natural de Itabira do Mato Dentro, nascido a 31 de outubro de 1902, filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade. O poeta *gauche* é descrito por Nava como uma figura magra, com um ar de orgulhosa modéstia, um homem tímido *escondendo o homem dono duma das maiores bravuras físicas e morais que já tenho visto junta na mesma pessoa*.⁵⁵Nava reconhece em Drummond também a figura do líder daqueles rapazes que iriam movimentar a vida cultural

54 **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** pós-1930/Coordenação Alzira Alves de Abreu...[et al]. ed. Revista e atual – Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.verbete Milton Campos p. 1017.

55 NAVA, P.op.cit.p.171-172.

da capital de Minas⁵⁶.

O jovem Drummond chegou a Belo Horizonte em 1919, para terminar seu curso secundário no Colégio Arnaldo. Em 1921, começou a publicar seus primeiros trabalhos no jornal *Diário de Minas*. Também neste período iniciou os primeiros contatos no Café Estrela com aqueles que seriam seus companheiros de Modernismo. Junto com Emílio Moura e Gregoriano Canedo foi um dos fundadores de *A Revista*, em 1925. Neste mesmo ano casou-se com Dolores Dutra de Moraes.

Após formar-se em Farmácia pela Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, Drummond voltou a residir em Itabira, passando a lecionar Geografia e Português no Ginásio Sul-Americano. Mas lá não permaneceria por muito tempo retornando à Belo Horizonte onde passou a exercer a função de Redator-chefe do Diário de Minas. Drummond trabalhou também no jornal *Minas Gerais*, órgão oficial do Governo do Estado, como auxiliar de redação e depois como redator sob a direção de Abílio Machado. Em 1930, finalmente publicou seu primeiro livro *Alguma Poesia*, ainda neste mesmo ano tornou-se Oficial de Gabinete do amigo Gustavo Capanema, então Secretário do Interior. Publicou *O Brejo das Almas* em 1934, ano em que se transferiu para o Rio de Janeiro com a mulher e a filha para assumir o cargo de Chefe de Gabinete de Gustavo Capanema, agora Ministro da Educação e Saúde Pública. Atuou também na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a convite de Rodrigo M. F. De Andrade no ano de 1945. Como pode ser visto o escritor-funcionário Drummond, assim como a maioria de seus companheiros, também serviu como funcionário ao Estado no exercício de cargos burocráticos. Mas foi como um dos principais poetas nacionais que Drummond construiu um riquíssimo número de publicações entre poemas, crônicas, contos, e ensaios. Carlos Drummond de Andrade faleceu no dia 17 de agosto de 1987, na cidade do Rio de Janeiro⁵⁷.

56 Idem p. 171-175.

57 www.releituras.com/drummond_bio.asp.

Existem ainda outros nomes importantes como Gabriel Passos⁵⁸, João Alphonsus⁵⁹, Abgar Renault⁶⁰, Gustavo Capanema, dentre outros. Não é nosso objetivo discorrer uma biografia detalhada de todos os modernistas, por isso nos deteremos somente nas figuras mais representativas já citadas. Resta-nos perguntar o que tem a nos dizer a trajetória individual destes homens de indiscutível importância para o movimento modernista em Minas. Cada um construiu a sua história, seguiu seu caminho, mas é como participantes do movimento modernista que aqui nos interessam. Neste sentido, pontos comuns podem ser identificados na vivência dos jovens modernistas.

Em primeiro lugar, é notável que em sua maioria os integrantes do movimento mantinham uma ligação com a elite política e intelectual do Estado através de laços de parentesco – como é o caso de Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos, João Alphonsus, Gustavo Capanema e Pedro Nava, por exemplo. É também notável que este capital social na maior parte das vezes tenha sido revertido em cargos públicos e funções na máquina do Estado. Em segundo lugar, os modernistas guardam ainda outro ponto comum, o fato de serem jovens de mais ou menos mesma idade, em atividade estudantil, grande parte vindos do interior para concluir os estudos na capital. E em terceiro lugar, o ponto comum que os unia: a paixão pelas humanidades, pela leitura, poesia, filosofia, paixão que faria dos rapazes de Minas grandes nomes da política e da literatura de nosso país.

58 Gabriel Passos nascido em Itapecirica transferiu-se para Belo Horizonte em 1916 e já em 1924 formou-se em Direito. A cidade escolhida para advogar é Oliveira, até que volta para a capital do Estado em 1927. Seguiu pela política preterindo a vocação literária.

59 João Alphonsus filho do grande poeta Alphonsus de Guimarães era natural de Conceição do Serro, nascido a seis de abril de 1901. Sua ida para Belo Horizonte deu-se em 1918, formando-se naquela mesma cidade no ano de 1926.

60 Abgar Renault nasceu em Barbacena em 1903 e nesse mesmo ano seguiu para Belo Horizonte levado por sua família, também cursa a Faculdade de Direito formando-se em 1925.

1.2 c) Os primeiros ares modernistas

Pedro Nava aponta o ano de 1921 como o ano em que se ouviam sussurros vindos dos lados de São Paulo. Naquele mesmo ano o poeta Oswald de Andrade publicou um artigo chamado *O meu poeta futurista*, de grande repercussão no meio literário de São Paulo⁶¹. Carlos Drummond também publica neste ano um conto chamado *Rosarita*, publicação vista como audaciosa e desafiadora⁶². Seria, então, o movimento modernista nascendo ao mesmo tempo nestes dois grandes centros nacionais? Não necessariamente.

Em primeiro lugar, não devemos nos apressar em identificar um grupo modernista já consolidado em São Paulo, nem tão pouco em Belo Horizonte, muito ainda estava por vir antes que isso de fato acontecesse. Em segundo lugar, o que se vê no relato de nossos modernistas é uma enorme falta de comunicação literária entre as duas capitais, no início da década de 1920. Ao citar a publicação de Oswald, Nava conclui com a seguinte observação:

Não sabíamos nada disso, mas nas várias ruas de Belo Horizonte estavam trafegando, àquele ano, uns poucos moços que iam se conhecer, se compreender, desafiar a cidade, serem nela marginalizados. Ainda não tinha acontecido, mas se o caso de São Paulo fosse levado em conta, cada um veria o símbolo de muita coisa que ia suceder na nossa jovem capital⁶³.

Nem mesmo a tão comentada Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, fez barulho em Belo Horizonte, apenas sussurros.

Da famosa Semana de Arte Moderna em 1922, em São Paulo, tive notícias vagas, e o primeiro conhecimento que tive da revista Klaxon foi por um deboche, aliás simpático de Lima Barreto⁶⁴.

Este panorama de quase isolamento só iria se modificar consideravelmente a partir de 1924, quando importantes nomes do modernismo paulista, em visita a Belo Horizonte,

61 NAVA, P.op.cit.p.318.

62 Idem p.63.

63 Idem p. 318-319.

64 ALPHONSUS, João. **Rola-moça**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.p.17.

entraram em contato com os garotos da Rua da Bahia. *A Caravana Paulista*, como ficou conhecida, significou um verdadeiro marco na formação do movimento modernista em Minas. Desde então, os literatos dos dois estados travaram intensa correspondência – principalmente com Mário de Andrade – abordando diversos assuntos e temas.

Na *Caravana* estavam presentes Oswald de Andrade, Olívia Guedes Penteado, Tarsila do Amaral, Godofredo Teles, Mário de Andrade e o poeta suíço-francês Blaise Cendrars. O objetivo da viagem era mostrar o Brasil ao poeta Cendrars, passando pelo Rio de Janeiro e pelas cidades históricas de Minas, mas, pelo que parece, os próprios paulistas se surpreenderam com a viagem e dela extraíram algo de original com que pincelaram o nacionalismo em suas obras. Neste sentido, a *Caravana* não só influenciou o modernismo mineiro como também foi influenciada por Minas⁶⁵. Voltaremos neste ponto mais detalhadamente quando tratarmos das sociabilidades intelectuais.

Pedro Nava classificou o acontecimento como um dos fatos mais importantes para a vida do movimento em Minas⁶⁶. Drummond concede mais importância a esse evento do que à própria Semana de Arte Moderna e vai ainda mais longe quando diz que o acontecimento intelectual mais relevante de sua vida foram as cartas recebidas de Mário de Andrade a partir daquele encontro⁶⁷. Se já havia em Belo Horizonte sussurros modernistas em 1921, é indiscutível que em 1924, com a passagem da *Caravana Paulista*, os gritos dos jovens intelectuais e poetas tornar-se-iam mais intensos, incomodando os ouvidos habituados à pasmaceira provinciana.

O encontro entre os dois grupos modernistas contribuiu para o amadurecimento dos jovens mineiros e de seus projetos intelectuais. Pedro Nava situou neste mesmo período – por volta de 1924 – o momento de definição do grupo que iria se destacar no cenário nacional.

65 CURY, Maria Z. F. op. cit. p.79-81.

66 NAVA, Pedro. op. cit. p.183.

67 ANDRADE, C. D. A semana e os mineiros. Apud. DIAS, Fernando Correia. op. cit. p.36.

O que posso afirmar é que em 1923-1924 o grupo já estava constituído e como eu disse em minha “Evocação da Rua da Bahia” - unido particularmente pela amizade que todos dedicavam aos quatro grandes aproximadores que foram Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Carlos Drummond”⁶⁸.

Deste período até a dispersão dos moços no início da década de 1930, foram vários os momentos de descontração, de criação e de boemia. Alguns destes momentos ficaram registrados, outros se perderam, mas parte do resultado desta vivência nós conhecemos.

1.3 O Modernismo na cidade de Cataguases

O caminho modernista pelo interior de Minas encontrou abrigo na cidade de Cataguases, interior do estado. A formação do povoado naquela região passa por volta de 1828 já em um contexto de esgotamento da extração de ouro no Estado que provocou o deslocamento de um bom número de pessoas para a Zona da Mata. Quando surgiu o grupo *Verde*, no final da década de 1920, Cataguases já refletia as mudanças gerais da sociedade brasileira. O espírito de modernidade se faz presente na cidade que dispunha de uma rede ferroviária, de sistema de telefonia, de indústria incipiente e de espaços culturais marcados por um bom número de periódicos que alimentavam a vida cultural do município⁶⁹.

A pergunta que nos importa é como surgiu neste modesto município um grupo literário de valor reconhecido nos grandes centros culturais do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro.

O primeiro passo em busca de resposta nos levou a vasculhar a produção acadêmica referente ao tema. Não encontramos um grande número de obras publicadas, a estas são

68 NAVA, Pedro.op.cit.p.158.

69 CARDOSO, Mariana Cândida Garcia C. Almeida. **A hora e a vez de Francisco Inácio Peixoto**. Dissertação de Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira, apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de fora, 2. semestre de 2004. p. 21.

somadas algumas dissertações e monografias⁷⁰ sobre o Movimento Verde ou sobre algum de seus componentes em específico. Além da produção acadêmica posterior, a própria *Revista Verde* e artigos publicados em outros periódicos do período nos fornecem informações valiosas para a construção de uma resposta coerente.

Estamos falando de um grupo formado em sua maioria por jovens estudantes nascidos na região. Mais especificamente nos importa destacar Ascâncio Lopes, Camilo Soares, Fonte Boa, Francisco Ignácio Peixoto, Guilhermino César, Oswaldo Abritta, Rosário Fusco, Martins Mendes e Enrique de Resende. Os dois últimos já mais velhos e com uma vida profissional consolidada; Martins Mendes era professor e Enrique de Resende, engenheiro.

O ponto chave que reuniu os rapazes, que na época contavam entre 17 e 21 anos, foi o Ginásio Municipal de Cataguasenses onde os sete primeiros estudavam e Martins Mendes lecionava. A convivência e as primeiras relações se travaram no ambiente escolar e mais especificamente no *Grêmio Literário Machado de Assis* do qual faziam parte. Neste ambiente de formação, Guilhermino César destaca a figura do professor Cleto Toscano Barreto, que lecionava português e francês no Ginásio e se fazia presente também no Grêmio. Segundo Guilhermino, além dos conteúdos programáticos, o velho professor os fazia ler jornais do Rio, revistas, e artigos de história e crítica literária, expandindo assim as fronteiras de conhecimento dos jovens estudantes. Guilhermino cita as leituras de Alphonsus de Guimarães, Vicente de Carvalho, Guerra Junqueiro, Menotti del Picchia, Afonso Arinos, João do Rio, Monteiro Lobato, Hoffmann, Machado de Assis e Balzac⁷¹. Não foi citado até

70 Idem

SILVA, Luiz Gonzada da. **Camilo Soares e o Grupo Verde: o resgate de sua atuação nos limites de sua poesia**. 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Centro de Estudos Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.

RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. **O Movimento Verde: a poesia vanguardista de Cataguases na década de 1920**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2005.

71 CÊSAR, Guilhermino. Os Verdes da Verde. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases. Ed. Fac-similar. 1927-1929. São Paulo: Metal Leve, 1978. Não paginado.

então nenhum nome de destaque do modernismo. O professor Cleto incentivava-os também a escrever e cobrava-lhes produção própria, que era compartilhada entre os amigos. O *Grêmio literário Machado de Assis* era, portanto, o espaço onde ocorriam trocas importantes. Nas reuniões aos domingos e feriados se construía relações de afetividade e sociabilidades importantes para a formação individual e comum dos que ficariam conhecidos como *Os Verdes*.

(...) meninos e rapazes se exercitavam de várias formas, lendo trabalhos próprios e alheios, fazendo críticas e declamando o que nem sempre se casava com o tom parnasiano gloriosamente reinante. Nesse ambiente veio repercutir a inquietação modernista⁷².

Ainda segundo Guilhermino César, outra figura importante neste momento é João Luis de Almeida que aparece como o filho de um rico fazendeiro da região e figura influente. João Luis estudava no Rio de Janeiro e semanalmente ia a Cataguases levando as novidades da Capital, exercendo assim a função de ponte entre a juventude do interior e o espírito de renovação que marcava a produção literária dos grandes centros. Entre os livros trazidos por João Luis e compartilhados entre os amigos estão obras de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Augusto Meyer, Menotti del Picchia, Raul Leoni, Jackson de Figueiredo, Afonso Arinos e Tristão de Athayde⁷³. Era o modernismo ressoando em Cataguases, trazendo novidades teóricas e formais que seriam a partir de então instrumentos de ação do grupo *Verde*.

A ação *dos Verdes* só aparece de forma consolidada nos seis números publicados da *Revista Verde*, mas as primeiras produções dos rapazes Cataguasenses se iniciam um pouco antes em jornais da cidade que servem como laboratório, propiciando as primeiras experiências de se mostrar à público e se abrir às críticas e opiniões dos pares. Há participação dos *Verdes* nos jornais *O Estudante*, *Jazz Band*, *Mercúrio* e *O Cataguases*. Os

72 Idem.

73 Idem

dois primeiros de menor repercussão e os dois últimos de grande circulação na cidade.

O Mercúrio pertencia à Associação dos Empregados do Comércio de Cataguasenses, surgiu em agosto de 1925 e chegou ao fim em janeiro de 1927. O jornal contou com a direção de Guilhermino César e com a participação de Camilo Soares, Oswaldo Abritta e Rosário Fusco⁷⁴. O perfil do periódico era bem variado, além de trazer notícias ligadas à Associação vinculava também em suas páginas propaganda, crônicas e poesia. Em 31 de Agosto de 1926, surgia uma nova seção que recebeu o nome *Gente Nova*⁷⁵ e nessa oportunidade estreavam Rosário Fusco e Oswaldo Abritta – Camilo Soares já havia estreado antes com o poema *Rua*, datado de 21 de março do mesmo ano. Nestas primeiras participações os *Verdes* ainda se mostram ligados à literatura tradicional, sem grandes ousadias formais ou temáticas. Os passos iniciais de renovação se dão no jornal *O Estudante* vinculado ao Ginásio Municipal de Cataguases e ao *Grêmio Literário Machado de Assis*, neste já citado ambiente de trocas surgem os primeiros experimentos de algo novo. *O Estudante* apareceu em 23 de setembro de 1926 e seguiu até 15 de junho de 1927 com um total de 11 publicações⁷⁶. Nele encontramos poemas de Camilo Soares, Enrique de Resende e Rosário Fusco. Em *Poeta* de Enrique de Resende ainda sente-se muito do autor simbolista e *A Canção* de Rosário Fusco permanece ligada ao tradicional sistema de métrica e rimas. Já no poema *Noturno*, Camilo Soares fez um paralelo entre a passagem da vida e uma viagem noturna em um trem veloz e misterioso, símbolos conhecidos da modernidade.

O jornal *O Cataguases* inaugurado em 1906 é a voz oficial do governo do município. Várias são as participações dos *Verdes*, e elas se iniciam antes mesmo da fundação da *Revista Verde*, sendo ,portanto, mais um dos responsáveis por lançar os nomes dos jovens intelectuais

74 RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco; FRITIZ, Felipe; JÚLIO, Roberto. **Mercúrio**: mensário dos novos tempos; um jornal de transição para o modernismo em Cataguases (1925-1927). Cataguases: Funcec, 2008. p. 8.

75 Idem, p. 68.

76 RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. **Passagem para a modernidade**: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases: década de 1920. Cataguases: Instituto Francisca Peixoto, 2002. p.34.

e de experimentá-los como novos agentes culturais⁷⁷. Vale ressaltar o surgimento da *Coluna dos Novos* em Agosto de 1927 onde sempre figuraram alguns dos jovens escritores.

No entanto, a importância deste jornal não se dá apenas pelo seu caráter de veículo projetor dos modernistas, mas também ele nos mostra como se deu a tensão entre a aceitação e rejeição do espírito novo no interior de Minas. A primeira resposta à inovação veio do editor do jornal Luís Soares dos Santos quando da publicação do poema *Cataguases* de Ascâncio Lopes no dia 20 de março de 1927⁷⁸ – já no mesmo ano de surgimento da *Revista Verde*. A irregularidade na estrutura do poema causa o estranhamento, traz o diferente, e é talvez esse o motivo que leva o editor a lançar uma nota junto ao poema preparando seu público para a novidade. Nesta nota, Ascâncio já aparece junto aos conceitos de *modernista*, *penumbriista*, *atual*, numa concepção de afirmação positiva.

Ascâncio Lopes é um nome que só agora aparece no mundo das letras nacionais. Mas trouxe a vantagem de aparecer como uma afirmação vitoriosa. O poema que o Diário oferece hoje aos seus leitores vale bem como um documento vivo que é de uma fina sensibilidade e de uma ágil inteligência que já possuem, mesmo na época em que se revelam, uma capacidade pessoalíssima de afirmação. Modernista? Penumbriista? O lirismo de Ascâncio Lopes é atual, é de hoje. E é fruto de um forte temperamento. Não bastarão essas qualidades?⁷⁹

O mais interessante é que já em novembro do mesmo ano – dois meses após o lançamento da *Revista Verde* – o mesmo editor Luis Soares do Santos publicou uma crítica no jornal com o título *Os tempos vão mal*⁸⁰. Desta vez de forma mais geral sem detalhar nomes, ele não utiliza mais afirmações positivas para qualificar os novos tempos. A nova produção aparece como *pseudo Arte Nova*, não utiliza mais a expressão *modernismo*, mas

77 Idem p. 39.

78 SANTOS, Luís Soares. Nota. *Cataguases*. *Cataguases*. p. 2. 20/mar. 1927. APUD: RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. **Passagem para a modernidade**: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases; década de 1920. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002. p.40.

79 Idem

80 SANTOS, Luis Soares. *Os tempos vão mal*. *Cataguases*. *Cataguases*. 20/nov. APUD: RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. op.cit. p. 47-48.

continua o *penumbri*sta agora acrescido de *futurismo*. Esta mudança de postura do editor do jornal *O Cataguases* parece atestar que a aclamada atualidade dos novos não encontrou respaldo no público do interior, daí aparecer num segundo momento refletindo o suposto “*fracasso*” dos novos tempos que levaria as artes em direção ao abismo.

Os tempos vão mal, dizem alguns. Caminhamos vertiginosamente para o abismo, dizem os raros que ainda raciocinam claro.

De fato: - vão mal os tempos e a humanidade acelera a sua marcha, remando para o declive... na sua grande e absoluta maioria, a humanidade atual, em toda a parte, suicida-se no gozo imoderado, corrompe-se no vício degradante, esfalfa-se na conquista da fortuna (...)

A materialidade invadiu todas as esferas, o culto da arte desapareceu; a música, enlevo da alma, foi substituída pelo jazz neurótico, a pintura, a poesia, a escultura, estão sendo relegadas para o terreno do passadismo, ao contacto do camartelo irreverente e destruidor de uma pseudo Arte Nova (em maiúscula), que ninguém entende na sua confusão penumbri⁸¹sta, e a qual se vai apelidando de futurismo⁸¹.

Esta recepção negativa parece ser esperada pelos Verdes e aparece neste mesmo mês de novembro de 1927 nas páginas do *Manifesto Verde* espalhado pela cidade, levando a voz do movimento agora já em curso.

E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostosíssimo escândalo interior e até vaias íntimas. (...) Sim. Não esperamos aplausos ou vaias públicas. Os aplausos de certos públicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra aplaudida com aqueles que a compreenderam. Não fica atrás a vaia. A vaia é às vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores... Por isso preferimos a indiferença⁸².

Neste mesmo manifesto os jovens *Verdes* partem para construir sua identidade, como fica claro nas afirmações: “*Somos nós. Somos VERDES*”. Alheios às críticas, os intelectuais se reafirmam no terreno do modernismo encontrando respaldo fora de sua localidade. Ao mesmo tempo em que parecem desdenhar das opiniões negativas que esperam encontrar de

81 Idem

82 Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguardas Europeias e modernismo brasileiro**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 351

um público do interior despreparado para o novo, vangloriam-se da repercussão positiva frente aos grandes nomes do modernismo que demonstram seu apoio ao grupo.

O que importa de verdade, é a glória de VERDE, a vitória de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do país. Considera-nos a grande imprensa os únicos literatos que têm coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o público de nossa terra, o respeitável público, nos tem em conta de uns simples malucos criadores de coisas absolutamente incríveis⁸³.

De fato, não demorou muito para que a *Revista Verde* e seus integrantes recebessem os aplausos de outros modernistas espalhados pelo Brasil. *Os Verdes* repercutiram positivamente nos grandes centros culturais e, então, iniciaram redes de amizade e troca intelectual de extrema importância para o grupo. Isto fica claro no vasto número de colaboradores da revista, vindos de várias partes do Brasil como Edmundo Lys, Godofredo Rangel, Alcântara Machado, Mário de Andrade, Renato de Almeida, Ribeiro Couto, Oswald de Andrade, Paulo Prado dentre outros. Também de outros países como Maria Clemência, Norah Borges, Ildefonso Pereda Valdez, Nicolas Fusco Sansone, Marco Fingerit e Blaise Cendrars.

Importante também é a constante troca epistolar que se dá entre os *Verdes* e outros modernistas. Neste sentido, destaca-se novamente a figura de Mário de Andrade sempre pronto a dialogar e colaborar. É evidente a grande influência da escola paulista em Cataguases, o que não deve ser entendido como uma relação unilateral entre os experientes nomes modernistas e os jovens do interior. Vale registrar que a produção *verde* também serviu de inspiração e reflexão para os precursores do movimento como fica evidente neste poema publicado em *Verde* (número quatro).

83 Idem

Homenagem aos homens que agem⁸⁴

Tarsila não pinta mais

com verde Paris

Pinta com Verde

Cataguasenses

Os Andrades

não escrevem mais

com terra roxa

Não!

Escrevem

com tinta Verde

Cataguasenses

Brecheret

Não esculpe mais

com plastilina

modela o Brasil

Com barro verde

Cataguasenses

Villa Lobos

não compõe mais

com dissonâncias

De estravinsqui

NUNCA!

Ele é a mina Verde

Cataguasenses

84 MARIOSWALD. Homenagem aos homens que agem. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. N°4. Cataguases. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 9

Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Ford Verde
Os azes
De Cataguasenses

(MARIOSWALD)

Vista a construção das primeiras relações que formaram o grupo Verde, voltemos à questão proposta inicialmente de *como surgiu neste modesto município um grupo literário de valor reconhecido nos grandes centros culturais do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro*.

O fato de surgir um movimento de vanguarda com um sólido periódico em uma cidade do interior de Minas, formado por um grupo de jovens estudantes contestatórios sem nenhuma experiência literária de relevância não deve ser explicado de dentro para fora. A pergunta não deve ser “por que em Cataguases?”, mas sim “por que não em Cataguases?”.

Este movimento interiorano faz todo o sentido quando visto em um quadro geral do Modernismo, um movimento que tem como principais características o espírito de inovação, a ousadia na criação, a valorização do experimental e a abertura ao diálogo e à construção de uma crítica literária construída sobre novas bases. Os Verdes se formaram já dentro deste microcosmo cultural próprio do movimento moderno. Buscaram seus interlocutores, encontraram e se mostraram a eles com o novo, com o experimental e se surpreenderam com a resposta positiva. Neste sentido, os Verdes só fazem sentido se levados em consideração dentro do movimento amplo do modernismo brasileiro.

CAPÍTULO 2: MEMÓRIA E SOCIABILIDADE INTELECTUAL

Neste capítulo, nos deteremos às memórias de Nava, tentando restabelecer as redes de sociabilidade diluídas em suas lembranças.

Pedro Nava, que tanto nos aproxima daqueles anos da década de 1920, era um *pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais*. Nasceu em Juiz de Fora a 5 de junho de 1903, filho do médico José Pedro da Silva Nava e de Diva Mariana Jaguaribe Nava⁸⁵. Mudou-se para Belo Horizonte em 1913 onde passou a estudar no colégio Anglo-Mineiro. Seguiu, então, para o Rio de Janeiro para terminar o curso secundário no Colégio Pedro II e só retornou a Belo Horizonte em 1921 para ingressar na Faculdade de Medicina e no serviço público na Diretoria de Higiene do Estado.

Pedro Nava foi um dos grandes colaboradores do Modernismo Mineiro, mas, logo após formar-se, resolveu seguir carreira médica em Juiz de Fora. Lá não permaneceria por muito tempo, seu destino era o Rio de Janeiro – antes atuou como médico também em Monte Aprazível no interior de São Paulo entre 1931-1933. Nava clinicou tanto em consultório particular quanto no serviço público, foi ainda professor universitário e pioneiro nos estudos de Reumatologia como Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Reumatologia. Somente após aposentar-se, em 1968, é que Nava voltou a produzir literariamente. Suas memórias foram publicadas em seis livros: *Baú de Ossos*, (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo das Trevas* (1981) e *O Círio Perfeito* (1983)⁸⁶.

85 NAVA, Pedro. **Baú de Ossos** (memórias 1). 6º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.p.19.

86 VALE, Vanda Arantes. **Memória e Memórias de Pedro Nava** – Uma apresentação. I Encontro do Centro de Estudos do Oitocentos. São João Del Rei, 2004.

Entendendo as memórias como um tipo de documento auto-referencial, devemos atentar para o fato de que, estas fontes trazem consigo reflexões que nos remetem ao objeto em questão – os intelectuais mineiros e seus projetos modernistas – dentro de uma realidade possível somente segundo uma história, que relaciona a subjetividade do indivíduo com as práticas da escrita de si.

Este indivíduo intitulado intelectual interage socialmente construindo suas redes relacionais, vivendo suas amizades, suas hostilidades, suas indiferenças, seus amores, ao mesmo tempo, formando e transformando suas idéias e comportamentos. Cabe ao historiador desenvolver modos de interrogar as fontes de forma que elas o aproximem tanto de seu objeto quanto do tempo no qual foi produzido sem perder, no entanto, a dimensão de que fala de um lugar específico no tempo presente⁸⁷. Deste modo, as fontes auto-referenciais são de suma importância, pois têm como atributo, a característica de nos aproximar dos modernistas e de seu cotidiano. Porém, isto não acontece de maneira direta, sendo necessário atentar-se para algumas questões quanto à origem, especificidade e grau de dificuldade no trato destes documentos.

Segundo Ângela de Castro Gomes, a escrita de si, que envolve as cartas, a autobiografia, os diários e afins, deve ser entendida como uma relação entre o indivíduo moderno e seus documentos. A “idéia de indivíduo” é, portanto, central e suas práticas culturais devem ser reconhecidas como legítimas pela escrita da história. Por meio destas práticas, o memorialista constrói para si uma identidade através de seus documentos e da valorização de uma memória individual comum. O longo e complexo processo de formação do “indivíduo moderno” afirma, em linhas gerais, o surgimento de uma identidade única para este indivíduo, que passa a se constituir à parte do todo social, este, assim, não mais lhe sobrepõe. Como resultado da mudança, transformam-se também as noções de memória, documento, verdade, tempo e história. Seria a partir do século XVIII que este mesmo

87 CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

indivíduo moderno expande a produção de uma escrita auto-referencial, transformando o antigo costume de se escrever cartas e de escrever sobre si e sobre os outros em um processo de construção de significado do “eu” e do mundo⁸⁸.

É o caso de eu ter escrito e continuar a escrever estas minhas pobres memórias. Elas estão longe do que eu desejaria que fossem. Não me considero grande escritor por tê-las rabiscado. Foram produzidas porque eu queria ter – roubando aqui o pensamento de Prost – esse encontro urgente, capital, inadiável comigo mesmo⁸⁹.

Ao serem utilizadas pela história, estas memórias trazem consigo uma série de considerações importantes que tratam o problema da subjetividade e da noção de verdade. Nesta perspectiva, considera-se que os fatos não mais podem ser vislumbrados como ocorreram num momento qualquer do passado. A verdade deixa de ser factual e objetiva, tornando-se, portanto possível trabalhar com noção de “verdades históricas” subjetivas e fragmentadas que se referem a pontos de vista, às interpretações daqueles que registram o fato⁹⁰. Neste sentido, a história e os historiadores trabalham com a noção de limite que se coloca na impossibilidade de se apreender um evento na sua totalidade. A relação se dá, então, sempre de maneira incompleta e indireta, através dos documentos e dos testemunhos⁹¹.

Subjetiva e fragmentada, a escrita de si apresenta algumas dificuldades para aqueles que procuram nela indícios do passado. Uma delas seria o que Pierre Bourdieu chama de “ilusão biográfica”. Segundo o autor, a noção de “história de vida” implica aceitar que a vida é uma história ou um conjunto de acontecimentos relativos a uma existência individual coerente e orientada. Assim sendo, esta vida organizada como história segue segundo uma ordem cronológica e lógica com começo e fim, ou seja, uma origem e um sentido objetivo. A

88 GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.p.7-17

89 NAVA, Pedro. Op.cit.p. 284

90 Idem.

91 VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.p.12.

“ilusão biográfica” funda-se, portanto, neste princípio de construção de uma vida que pode ser contada, estabelecendo-se relações inteligíveis de causa e efeito, capazes de dar sentido a uma trajetória individual. Dentro desta dinâmica, seria possível apreender, através dos documentos auto-referencias, a história de vida do autor através dos acontecimentos sucessivos que são por ele narrados. No entanto, a própria aceitação da existência de um indivíduo coerente e contínuo no tempo já demonstra os perigos desta ilusão⁹².

A construção de sentido pelo autor leva-nos a pensar a relação entre ele e seu texto. Podemos indagar se seria o texto uma “representação” de seu autor ou, ainda, se o autor seria uma invenção do seu texto. O mais coerente parece ser considerar que o autor não é anterior nem mesmo posterior ao seu texto, portanto, não é por ele representado nem mesmo por ele inventado, mas sim que a produção de escrita auto-referencial é constitutiva da identidade tanto do autor como do texto que se constroem simultaneamente na produção do “eu”⁹³. Descartada está, portanto, a possibilidade de se interrogar a escrita de si como um documento que carrega a trajetória de um indivíduo que resolveu contar a sua história com começo, meio e fim cheios de significação.

Esta ilusão da coerência do indivíduo e de seu relato relaciona-se com outras dificuldades como a que considera a distância entre o sujeito que escreve e o sujeito da narrativa, mesmo que estes representem a mesma individualidade. E ainda a questão do “domínio” do tempo que nas narrativas biográficas parece buscar a estabilidade, a permanência e a unidade através da concepção de uma temporalidade linear e progressiva⁹⁴. Atento a estas questões, o historiador pode se desviar dos enganos que se apresentam quando não problematizados o indivíduo-autor, o indivíduo- personagem e o seu relato.

92 BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína; PORTELLI, Alessandro. **Usos e Abusos da História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-190.

93 GOMES, Ângela de Castro. Op.cit. p. 15-17.

94 GOMES, Ângela de Castro. Op.cit. p.17-19.

Pássaro ubíquo de prodigiosa envergadura, caravela mágica navegadora do espaço e do tempo, abre tuas asas enfunda tuas velas, duplica tuas penas e teus panos, decuplica-os dupladecuplica-os para que eu possa voar contigo, ir e vir, estar na mesma hora 1922, 1923, 1924 acompanhando o rastro e a cabeleira loura de Leopoldina⁹⁵.

E ainda:

Vim por aí afora contando duas estórias. (...) Parecem coisas semparadas porque foram narradas semparadas. Mas, cronologicamente, as duas se enroscam uma na outra como cordeletas para formarem cordas e estas se torturam para fazerem a arquicorda, o cabo, o camelo, o enrolo de nossa vida que nunc' é uma mas o tecido de fios fios fios, trezentos fios, trezentos, trezentos e cinqüenta...⁹⁶

Auto-referencial, carregando possíveis falhas e omissões, ainda assim o testemunho de Pedro Nava nos vale por nos levar para junto de seu cotidiano, como jovem modernista e por nos deixar riquíssimo relato, que nos fala a respeito da sociabilidade vivida ali por ele e outros intelectuais. Esta sociabilidade efetivava-se em espaços geográficos como os cafés, os bares, as livrarias, as redações de revistas e jornais como também na própria rua e ainda em espaços afetivos. Neste sentido, voltamos a Jean-François Sirinelli, para quem as duas acepções são importantes, “redes” e “microclima”. Por “redes”, entendemos as estruturas de organização formais ou informais que se constituem como lugar de movimento e circulação de idéias. Estas mesmas redes seriam responsáveis por estruturar os “microclimas”, sob os quais se desenrolam as atividades, os comportamentos pessoais e profissionais de um “microcosmo” intelectual específico⁹⁷. É sobre o microcosmo que abarca os intelectuais do *Grupo do Estrela* que Pedro Nava vem nos falar.

Não só com o *Grupo do Estrela*, Pedro Nava se relacionava, vários são os “personagens” de suas memórias, companheiros da Faculdade de Medicina, alguns da Diretoria da Higiene do Estado, onde trabalhou no período entre 1921-1926, vizinhos,

95 NAVA, Pedro. Op.cit. p.66-67.

96 Idem.p.45

97 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais IN: REMÓND, René.(org). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2003. p.. 248-254.

parentes, simples conhecidos das ruas da cidade, enfim, um grande número de pessoas que passaram por sua vida e que por ele foram lembradas e registradas. Estamos nos atendo aos intelectuais modernistas pelo fato deste ser nosso objeto de estudo, o que não significa uma menor importância dos demais junto às lembranças do autor.

Desta forma, levando-se em consideração a análise do Modernismo em Minas e da formação e interação de seus integrantes, é notável que as memórias em questão mereçam um estudo apurado devido à riqueza de detalhes e de informações que, relacionadas a outras fontes, muito têm a dizer do objeto tratado. Ali a sociabilidade intelectual é densamente relatada em inúmeras situações, são reuniões em bares, em pensões de estudantes, em livrarias, em cinemas, bailes e esquinas de Belo Horizonte. Nestas ocasiões aconteciam desde a simples conversa acompanhada de cerveja⁹⁸ até as mais calorosas discussões políticas⁹⁹, literárias¹⁰⁰, leituras de livros¹⁰¹, brigas¹⁰², combinações de roubo¹⁰³ e vandalismo¹⁰⁴ pela cidade.

Ali (Café Estrela) entrávamos sempre, depois do Alves (livraria) – uns para o cafezinho, outros para a cerveja acompanhada de salgados; esses para os refrescos, os sorvetes, ou as médias de café com leite com torradas brioques, sonhos, pão-de-queijo, bomba de creme, bomba de chocolate, brevidade. Saudade. Literatura, escultura, pintura, filosofia, sistemas políticos, religião, religiões, tudo passava nas conversas do grupo. Também política e mais a oposição sistemática ao governo, o achincalhe do legislativo, executivo e judiciário. Confidências sobre as amadas. Planos de saque com os agiotas. Projetos de descer ou não descer, de noite. Havia silêncios também. Suspiros ranger de dentes da dor de corno¹⁰⁵.

98 NAVA, Pedro. Op.cit. p.62; 100

99 Idem p.107; 283.

100 Idem p. 46-47

101 Idem p.89

102 Idem p.101

103 Idem p. 101

104 Idem p.181

105 Idem p.100

Além do Café Estrela, outros estabelecimentos são lembrados pelo autor, os principais pontos de encontro descritos são: o Bar do Ponto, o Bar Trianon, o Cinema Odeon, o Clube Belo Horizonte, o Cinema do Comércio, a Livraria Alves, além de vários cabarés e bordéis.

Outro ambiente onde as relações de sociabilidade também se travaram foram nas redações de jornais e revistas publicadas pelos jovens intelectuais. Pedro Nava esteve presente em vários destes momentos e nos dá o testemunho do nascimento de *A Revista*, além de outras revistas acadêmicas citadas como, *Radium*, *Medicina*, e os jornalzinhos humorísticos *O esqueleto* e *A caveira*¹⁰⁶.

Também as leituras e os livros nos servem como indicação de sociabilidade intelectual e, neste ponto, Pedro Nava é bastante detalhista. Numa leitura atenta, descobrem-se os principais autores e obras que circulavam entre os intelectuais mineiros e lhes influenciaram a formação cultural. As leituras de Nava sempre estiveram ligadas às indicações dos amigos, através dos quais, ele teve acesso às obras de Anatole France, Rémyde Gourmont, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud, Proust dentre vários outros¹⁰⁷.

2.1 Formação das redes de amizade e convivência

Partiremos para a análise de como se construíram os laços de convivência do grupo, como se travaram os conhecimentos e iniciaram-se as amizades que, no conjunto, compõem a rede de sociabilidade intelectual sobre a qual estamos nos debruçando neste estudo.

As memórias nos permitem iniciar o traçado que iria reunir os jovens estudantes em um mesmo movimento. É a partir do contato de Nava com os irmãos Paulo e Aníbal Machado que se inicia o fio que o levaria a conhecer o restante do grupo. Ainda no início de suas lembranças, o amigo Paulo Machado recém chegado do Rio de Janeiro onde cursava o Colégio Militar, apresenta Nava ao restante de sua família e particularmente a seu irmão

106 Idem p. 154-155

107 Idem p.. 46-47; 59; 68; 82; 83-85.

Aníbal com quem Nava travará grande amizade. A rotina de visitas à família Machado consolidará a amizade entre Pedro Nava e Aníbal Machado que apresentará a Nava os escritos de Carlos Drummond de Andrade durante a primeira visita deste ao escritório de Aníbal, que ficava no porão da casa dos Machado.

Neste escritório, Nava destaca a existência de umas quatro ou cinco estantes com ,aproximadamente, quinhentos volumes predominantemente de literatura francesa e portuguesa, revistas de arte sobre decoração, serralheria, pintura, escultura, música, teatro, e cinema¹⁰⁸.

Aconselhado a conhecer o jovem Drummond, Pedro Nava não perde a oportunidade quando, certa noite, acompanhado de Paulo Machado, é apresentado a ele em um restaurante. O local, que Nava não se recorda o nome, era freqüentado pelos moços que se reúnem após sessões do cinema do Comércio para tomar cerveja e travar longas conversas. O ano era 1922, mais precisamente no mês de fevereiro, mesmo mês e ano da Semana de Arte Moderna de São Paulo. A partir de então, Drummond iria levar Nava ao grupo de rapazes que movimentaria a pacata capital Belo Horizonte¹⁰⁹.

Foi a simpatia e logo a amizade que começaram a me unir a Carlos Drummond de Andrade. Subsequindo a nossa confraternização na noitada que descrevi, encontrava-o freqüentemente a calçada do Odeon (cinema) esperando a segunda sessão, íamos a ela, depois ficávamos a espera dos jornais na esquina da casa do Seu Artur Haas, dali subíamos ao Estrela, do Estrela saíamos a vaguear pelas ruas de uma Belo Horizonte deserta de homens mas cheia de sombras e cheiros vegetais e finalmente escalávamos todos os infinitos – inclusive o de cada um de nós. Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou¹¹⁰.

O caminho que cada um trilhou para chegar ao grupo é difícil de ser definido, mas, como já foi dito, para Pedro Nava, quatro nomes eram responsáveis por polarizar os demais e através deles as redes se completavam para formar o grupo. Estes seriam Alberto Campos,

108 Idem p. 46-47

109 Idem p. 64

110 Idem.p.91

Emílio Moura, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade¹¹¹. Como jovens que eram, todos estudantes, a aproximação se dava desde as carteiras escolares – como no caso de João Alphonsus e Ascâncio Lopes na Faculdade de Direito¹¹² – até às mesas dos bares – como Nava e Drummond.¹¹³ Os interesses comuns eram o cinema, o futebol e a literatura. Mas havia também os que viviam em uma mesma pensão como foi o caso de Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula que moraram na “Pensão da Madame”¹¹⁴, local de constante visita dos amigos, ou a “Pensão Lima” onde viveram Ascâncio Lopes e Emílio Moura¹¹⁵.

Destas aproximações e convívio, no entender do memorialista, teria surgido o *Grupo do Estrela* já em 1924. Formado por jovens que se encontravam cotidianamente em diversos lugares com objetivos comuns – conversar, "cervejar", saborear, namorar, dançar e inúmeras outras possibilidades que formavam o dia-a-dia destes moços. Pedro Nava considera este momento como o início do grupo. Mas outro fato importante, ainda em 1924, marcou profundamente a formação cultural do grupo, a visita da chamada *Caravana Paulista* que passava por Belo Horizonte.

Após participarem das festividades do carnaval carioca, a *Caravana* resolveu viajar por Minas, mais especificamente pelas cidades históricas São João e São José Del-Rei, Divinópolis, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Lagoa Santa e Congonhas do Campo, contudo Belo Horizonte estava pelo caminho. Foi com grande apreensão que os modernistas mineiros receberam a notícia da chegada dos “futuristas” de São Paulo ao Grande Hotel de Belo Horizonte e logo trataram de provocar um encontro nos salões do hotel com aqueles que compunham a *Caravana* vinda de São Paulo. Dentre os mineiros compareceram a este primeiro encontro Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Martins de Almeida e Emílio

111 Idem p. 158

112 Idem p. 235

113 Idem p. 64

114 Idem p. 91

115 Idem p. 234.

Moura¹¹⁶.

Foi ali mesmo nos salões do hotel que se formaram os grupos de conversas após as devidas apresentações. Nava não entra em muitos detalhes quanto ao que conversaram, prefere discorrer sobre cada um dos modernistas integrantes da comitiva. Começa falando de Dona Olívia Penteado e de seu encanto. Segundo o memorialista, ela tinha o melhor e mais discreto dos risos, andava bem, pisava bem, sentava bem, seu falar era “*baixo e algodoado e parecia se interessar profundamente por nossas estórias e histórias*”. Naquela viagem, já viúva, estava sendo acompanhada pelo genro Godofredo Teles. Nava destaca ainda que por esta época era recente a aproximação de Olívia Penteado aos modernistas, que teria ocorrido após sua viagem à Europa entre os anos de 1919 e 1923, quando ela começou a conviver com Oswald, Tarcila, Paulo Prado, Picasso, Léger, o romeno Brancussi e a turma da Academia Lhote¹¹⁷. Mas Dona Olívia desfrutava também de boas relações com o que Nava chama de “aristocracia local” e isto se evidencia quando em sua despedida de Belo Horizonte, na estação, formaram-se dois grupos distintos para saudá-la. Um constituído por representantes do Governo de Minas nas pessoas de Melo Viana, Augusto Mário, Daniel, Alfredo Sá, Noraldino e, do outro lado, os irreverentes “*futuristas*” como eram chamados os modernistas.

Outro que recebe a atenção de Nava é Oswald de Andrade. Ao vê-lo pela primeira vez recebendo-os no salão do Grande Hotel, Nava o descreve como “*figura escanhoada, arrumada e escarolada de um Imperador Romano de olhos verdes*”¹¹⁸. Logo, a conversa os aproxima e os dois se descobrem primos com parentes em comum na cidade mineira de Baependi. Naquele dia, Oswald cintilava conversando, e os jovens mineiros admiravam-se de estar no momento socializando-se com a maior expressão do Modernismo – segundo palavras de Pedro Nava.¹¹⁹ Novamente, o teor das conversações não nos chegam ao conhecimento. O

116 Idem p. 183.

117 Idem p. 183-184.

118 Idem p.183.

119 Idem p.184

memorialista prefere nos traçar com minúcias as características físicas de Oswald, que olhado no conjunto, possuía longínquas analogias com o futuro *Abaporu* antropofágico de Tarsila, dando a impressão de diminuir debaixo para cima. Ao recordar Oswald em suas memórias – publicadas em 1978 - Nava já conhecia a história do movimento que foi construída após este primeiro encontro e aproveita a oportunidade para ressaltar as principais contribuições do amigo para o movimento modernista – a *Trilogia do Exílio*, a composição de *Pau Brasil*, o lançamento de *O Homem do Povo*, da *Revista de Antropofagia*, *Cânticos dos Cânticos para Flauta e Violão*, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, além dos manifestos e as atividades de filósofo, ensaísta e jornalista. A amizade entre os dois modernistas é por fim destacada, pois aquele seria apenas um primeiro momento que os uniria para o resto de suas vidas¹²⁰.

Tarsila do Amaral também recebe seus elogios e sua descrição inicia-se com uma pergunta: “*Vocês já imaginaram? o trem divino e inteligente como ela era, aos trinta e quatro anos.*” Seguem-se as descrições físicas do que seria para o poeta o corpo mais proporcionado do mundo da maior intérprete da antropofagia. Sua obra antropofágica é destacada e citados seus trabalhos *Antropofagia*(1929), *Negra*(1924), *Floresta de Sono e Abaporu*(1928) como as mais ferozes telas de nossa Arte. Além da obra, a grande trajetória artística da pintora é traçada, lembrando que ela teria sido aluna de Pedro Alexandrino em 1917, em 1920 seguiu para Paris com destino a Academie Julien com Émile Renard. Convive também com Elbert Gleizes, do atelier de André Lhote e sofre as influências de Picasso e de Fernand Léger. Todo esse caminho de Tarsila é traçado para no final ratificar-se sua originalidade e sua capacidade antropofágica. Novamente, o conhecimento adquirido por Nava ,com o passar dos anos, é utilizado em suas memórias para traçar o perfil dos companheiros paulistas, sempre com o intuito de destacar a obra destes personagens dentro do modernismo brasileiro e assim reforçar o valor do encontro entre mineiros e paulistas.

120 Idem p. 184-187.

O poeta visitante Blaise Cendrars também não escapa das descrições. Este é tido como “*figura admirável de homem livre, aventureiro...*”. Teria sido um viajante infatigável correndo todo o mundo, incluindo o Brasil que conhecia de *fio a pavio*. Naqueles 1924, estava com 34 anos, fisicamente apresentava uma mutilação decorrente da sua participação como soldado da Legião Estrangeira na Primeira Guerra Mundial, quando teve seu braço direito arrancado - era magro, seco, musculoso, ágil, cara triangular, muito vermelho, cabelos castanhos avermelhado, olhos gateados e sempre sorridente. Assim como com Tarsila, a originalidade de Cendrars é também exaltada, além de seu bom julgamento quando se tratava de arte, poesia e literatura, nestas questões, diz Nava, que o poeta nunca se enganava¹²¹.

E como não podia faltar, por último, Nava discorre sobre Mário de Andrade, grande influenciador dos modernistas mineiros. Nava começa por lamentar sua morte e se propõe a lembrar a figura do amigo passando pelas principais iconografias de Mário como o retrato de Portinari, de Lasar Segall, o óleo de Flávio de Carvalho, de Tarsila, de Anita Malfatti, as cabeças esculpidas de Joaquim Figueira e Bruno Giorgi, na máscara mortuária de Marienorme de Andrade, o retrato de Nelson Nóbrega e as fotografias em especial as tiradas por Warchavchik. Revivido através de suas representações, Mário é então discorrido através de sua trajetória intelectual e celebrado como músico, crítico de arte, historiador, filósofo, psicólogo, filólogo, esteta da língua, glotólogo e folclorista. Grande nome do movimento modernista, o encontro de Mário com os mineiros foi sem dúvidas, um dos fatos mais marcantes para a formação intelectual dos jovens de Minas, pois a partir deste primeiro encontro, em 1924, Mário de Andrade passou a se corresponder intensamente com o *Grupo do Estrela*, orientando-os, indicando-lhes leituras e informando-os do movimento em São Paulo. Em várias passagens Pedro Nava indica a influência desta relação para o grupo.

Tínhamos notícias, por carta, de Mário de Andrade escrevendo Macunaíma. Líamos e relíamos o que o Modernismo nos dera de importante no ano: ‘Jogos pueris’ de Ronald, ‘Um Homem na Multidão’ de Ribeiro Couto, a fabulosa mensagem do ‘Losango Cáqui’ de Mário de Andrade. Conversávamos horas sobre

121 Idem p. 189.

estes e os livros estrangeiros que nos inculcava ou mandava esse poeta¹²².

O grupo ‘daqueles rapazes de Belo Horizonte’ tinha se reconstituído parcialmente com a volta de Carlos Drummond de Andrade, Gabriel Passos, João Pinheiro e Mário Álvares da Silva Campos para o tempo demorado ou a estadia definitiva na capital de Minas. Retomaram seus lugares e posição na rodinha como se dela nunca tivessem estado separados. Mesmas palestras e preocupações, troca de idéias sobre as leituras dos livros. Desses tiveram toda importância para nós dois do Mário de Andrade – ‘Amar, verbo intransitivo’ e ‘Clan do Jaboti’ – o último saído depois da caravana paulista ao norte. Tivemos notícias desta expedição pela correspondência que mantínhamos com o Mário¹²³.

Seguimos nisso nosso próprio espírito e o conselho dado por Mário de Andrade numa carta a Drummond escrita depois de ver o primeiro número: ‘Faça uma revista como A Revista, botem bem misturados o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros. Misturem o mais possível’¹²⁴.

Mário de Andrade é sem dúvidas o principal nome de fora a influenciar os mineiros. Mas as indicações de leituras, as discussões a respeito das publicações nacionais ou estrangeiras aconteciam também internamente entre os membros do grupo. Estas leituras compartilhadas servem para marcar a formação do movimento e para consolidar sua identidade.

Já passamos parcialmente pela biblioteca de Aníbal Machado quando Nava se recorda de uma de suas visitas. No escritório do amigo, Pedro Nava foi apresentado a vários nomes que Aníbal lhe indicava a leitura e mesmo lhe emprestava os volumes. Isto ele nos detalha em algumas passagens, as obras e autores por ele citados são: Anatole France, Rémy de Gourmont, os Goncourt, Mallarmé, Samain, Verlaine, Rimbaud, Proust, Daudet, mais especificamente *Jack e Sapho*, ainda *‘La Garçonne’* – escândalo da época nas palavras do memorialista – Maupassant, Mirabeau, Adolphe de Benjamim Constant, Flaubert com *‘Madame Bovary’* e a *‘education sentimentale’*, *‘Guerra e Paz’* e a lista continua com

122 NAVA, Pedro.op.cit.p.370

123 Idem p.389.

124 Idem p.213.

Laforgue, Cocteau, Martinet. Saindo da literatura, Aníbal levou até Nava também Rodin através de um gesso que possuía, moldagem de ‘La pensée’, gravuras de Renoir, pinturas impressionistas do próprio Renoir, Manet, Monet, Pissarro, Sisley, Degas, Cézanne¹²⁵. Como se pode perceber há mesmo uma preponderância de literatura francesa, na biblioteca de Aníbal Machado.

Em muitos dos encontros narrados por Pedro Nava, a presença de livros e de leituras é constante. São lidos e discutidos tanto literatura estrangeira como nacional, assim como o início de suas primeiras produções. Eram noites de leitura na ‘Pensão da Madame’¹²⁶ e outros encontros em locais não definidos. Nava se recorda do gosto de Abgar Renault em recitar a pedidos dava-lhes Laforgue, Samain, Verlaine, às vezes poesia inglesa e os clássicos portugueses Quental, Antonio Nobre, Cesário Verde e também os antigos Alphonsus de Guimarães e Olavo Bilac¹²⁷. Alberto Campos é indicado como grande leitor e conhecedor de autores como Stendhal, Gide, Claudel e Valéry, Duhamel e Romain Rolland¹²⁸. O gosto literário de Milton Campos, Nava relaciona à sua amizade nutrida com Pedro Aleixo, Cesário Alvim de Melo Franco e Rodrigo Melo Franco, o último com formação humanística vinda do ‘Lycée Janson de Sailly’, de Paris, e de sua moradia e convivência neste período com seu tio, o primeiro Afonso Arinos. Entre as leituras dos rapazes estão Eça, Fialho, Aquilino, Verlaine, Laforgue, Samain, Rodenbach, Verhaeren, Maeterlink, Jules Lemaitre, Rémy de Gourmont, Leautaud e Van Berger e principalmente Anatole France. Já Carlos Drummond de Andrade, nas palavras de Nava, lia furiosamente e desordenadamente, tudo lhe servia, mas os citados são Anatole France, Pascal, Bérqson, Quental, Rimbaud, Ibsen, Maeterlink, e Oscar Wilde. Drummond é apontado também como grande influenciador devido seu autodidatismo e instinto prodigioso na descoberta de bons autores. “*Abria caminho e nos servia de*

125 Idem p. 46-47-83-84

126 Idem. p. 85-86-89

127 Idem p. 212

128 Idem p. 155

indicador. O Carlos gostou. O Carlos disse”¹²⁹.

Portanto, podemos definir as redes iniciais de formação e consolidação do grupo de modernistas mineiros com base em sua própria realidade. Até o ano de 1924, não há indícios de contato com nomes de outros estados como São Paulo ou Rio de Janeiro, as notícias que tinham da movimentação cultural lhes chegavam através dos jornais, como a todos os outros leitores. Com o tempo, a convivência e o cotidiano comum lhes mostraram interesses também comuns. As conversações e as leituras ajudaram então a formar uma identificação e daí a motivação para agir no campo intelectual – mais especificamente no movimento Modernista. A partir do contato com os paulistas, após a passagem destes por Minas (1924), além das relações cotidianas, internas, os modernistas mineiros passam a construir suas redes com outros nomes do modernismo pelo país. Além dos paulistas, Nava narra ainda a passagem por Belo Horizonte de Prudente de Moraes neto, e de Sérgio Buarque de Hollanda para cuidar do lançamento da revista *Estética*¹³⁰ e o encontro do grupo com Manuel Bandeira, em 1926¹³¹.

Constituiu-se ,então, um grupo de jovens rapazes apaixonados com a nova poesia desengessada, ávidos pelo novo, pela movimentação cultural e por um nacionalismo que se dizia construtor de um Brasil moderno. Vejamos o que mais podemos conhecer destes rapazes.

129 Idem p. 173-174.

130 Idem p. 196

131 Idem p. 370

2.2 Espaços e locais de sociabilidades

Os encontros dos intelectuais modernistas se davam cotidianamente em diversos locais. É preciso deixar claro que estamos considerando aqui a sociabilidade intelectual independente de espaços físicos. Há também de se considerar as relações de sociabilidade que se travam através das já citadas trocas de correspondências, ou ainda as estabelecidas nas páginas e conteúdos das publicações, ou mesmo aquela da troca de leituras e obras. No entanto, alguns estabelecimentos são simbólicos do grupo de modernistas e fazem parte da história contada por eles. Estes merecerão nossa atenção a partir de agora.

Pedro Nava nos deixa transparecer a rotina do grupo que, não por acaso, ficou conhecido como *O Grupo do Estrela*. *O Café Estrela* era o principal local de encontro dos modernistas, instalado no térreo de um belo sobrado, exibia prodígio de decoração *belle-époque*, destacada em madeira entalhada e espelhos. Das cinco portas de entrada, somente as três do meio eram abertas, as duas das pontas eram utilizadas como vitrines que alocavam bebidas caras, queijos estrangeiros e latarias. Dentro do salão, mais duas estantes torneadas de madeira também serviam para expor salsicharias, queijos e vitualhas. Ao fundo, duas portas que davam na copa, cozinha e depósitos. As bebidas espalhavam-se em armário, cujas estantes apresentavam garrafas empalhadas do:

Chianti e do Nebiolo Gran Espumante, da vinhaça portuguesa, dos vinhos franceses e deitados, os botelhaços da Veuve Clicquot com seu rotulo branco e o estanho dourado das coberturas das rolhas e gargalos¹³².

Havia, ainda, as guloseimas de confeitaria, que ficavam em balcão ao fundo embaixo da máquina registradora. Eram empadinhas, pastéis, coxinhas de galinha, sonhos, brevidades, camarões recheados, bombas de creme ou de chocolate¹³³. Espalhadas pelo salão, vinte e

132 Idem p. 99

133 Idem p. 100

poucas mesas de mármore onde Nava rabiscava seus desenhos e os poetas deixavam seus versos.¹³⁴ Ali, entre conversas, comidas, bebidas, literatura, política, eles criaram uma rotina de encontros importante para a formação cultural do modernismo mineiro. Outros bares, citados por Nava, foram o “Fioravante”, o “Bar do Ponto”, e o “Trianon”, no entanto, estes outros três não estão diretamente relacionados ao Grupo do Estrela, mas a outros grupos de amizade de Pedro Nava.

Outro dos espaços visitados cotidianamente por aqueles jovens é a Livraria Alves, situada na mesma Rua do Café Estrela, na Rua da Bahia. Também localizada num simpático sobrado, o ambiente da livraria era marcado pela sombra e pelo silêncio, propícios aos leitores que ali folheavam os volumes expostos nas estantes laterais e na banca central. O gerente da loja era o lembrado senhor Antônio Salvador de Castilho. Muitas vezes, sem recursos para adquirir os livros desejados, os estudantes levavam-nos à prazo em negociações que se davam com o caixeiro Kneipp, sem o conhecimento do severo gerente¹³⁵. A Livraria Alves também era palco de transgressões dos jovens, que, por mais de uma vez, furtaram volumes que não conseguiam comprar¹³⁶.

Continuando na Rua da Bahia, encontramos também a redação do jornal *Diário de Minas*, jornal do Partido Republicano Mineiro (PRM), onde vários dos modernistas publicavam, ali outro ponto de encontro. Nava não fazia parte do jornal, mas se diz assíduo freqüentador, sabendo lá encontrar José Osvaldo de Araújo, Horácio Guimarães, Eduardo Barbosa, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Mário Matos, Aníbal Machado, Milton Campos, Pedro Aleixo, Abílio Machado. Nava é bem claro ao tratar da importância do jornal, e vale a pena transcrever um trecho em que fala do assunto:

Logo que se entrava era aquele barulho de impressão, o cheiro de tinta, misturado ao do tabaco, a luz crua descendo de lâmpadas nuas. Funcionários e visitas iam se abancando, os primeiros acostumados a escrever artigos, corrigi-los, rever provas

134 Idem p. 100

135 Idem. 96-97

136 Idem p. 87

conversando e sem se perturbarem com as interrupções nem com a barulhada de locomotiva que subia das tipografias. E começava a prosa até quando todos saíam para os ventos da noite fria deixando o jornal pronto para o dia seguinte.¹³⁷

Ainda o Cinema Odeon consistia em outro ponto de convivência dos modernistas. O estabelecimento ficava em um prédio de dois andares, também em estilo *belle-époque* dos mais elegantes, pintado num pardo claro realçado pelas saliências e ornatos da fachada passados também a óleo no tom creme. Suas cinco portas eram guarnecidas por bandeirolas de serralheria prateada, como nas três sacadas do andar de cima. Na sala de espera, no tom verde e vermelho, encontravam-se colados na parede grandes painéis coloridos de filmes, e, ainda, ao fundo, uma fonte luminosa com tanque cheio de peixinhos vermelhos. Duas escadas de grades prateadas levavam à sacada da orquestra e às duas portas que se abriam para os balcões.¹³⁸ Ali na sala de espera, nas palavras de Nava, “*olhávamos e éramos olhados*”¹³⁹.

Extensão do Cinema Odeon, sua calçada era ponto de aglomeração, principalmente às sextas-feiras, quando ocorria a famosa Sessão Fox, dia de se passar filmes novos da Fox. Nava descreve longamente o que ele chama de “técnica de colocação”, segundo a qual cada grupo tomava freqüentemente seu lugar na calçada e, assim, através da análise da calçada, traça um mapa da sociedade belorizontina, que tinha o costume de freqüentar aquele cinema – as famílias ricas, os políticos da situação, as belas moças acompanhadas pelos familiares, os estudantes irreverentes, o *Grupo do Estrela*.¹⁴⁰

Não só a calçada em frente ao Cinema Odeon servia de ponto de encontro, a própria “rua” é apontada por Pedro Nava como um “lugar” de convivência, segundo ele “*Ruávamos quase o dia inteiro. Nossa vida era um ir e vir constante nas ruas de Belo Horizonte*”.¹⁴¹

137 Idem p. 164.

138 Idem p. 48-49.

139 Idem p.49

140 Idem p. 102-103

141 Idem p. 255.

Neste sentido, outro ponto bastante freqüentado é a esquina da Rua da Bahia com Álvares Cabral, para onde os modernistas iam após a passagem pelo Café Estrela. Lá se localizava o prédio da Caixa Econômica em estilo *art-nouveau*, cimalha toda ornada, com três sacadas de serralheria que correspondiam às entradas embaixo. Este era o cenário de horas de conversa noite adentro¹⁴²

À fachada daquele prédio e ao declive daquela esquina confiamos tudo do tudo de nossa sensibilidade, inteligência, desejos, ansiedades, angústias e dúvidas. Às duas, três, dispersávamos¹⁴³.

Diante das possibilidades apontadas – a formação das redes de convivência, de leituras, e ainda o mapeamento dos espaços e locais de encontro do grupo de modernistas – torna-se clara a realidade de formação destes intelectuais. Desde o início da década de 1920, as relações vieram se consolidando e, ao mesmo tempo, formando os jovens como importantes atores culturais. O próximo passo é a análise da produção inicial destes intelectuais participantes do movimento modernista, a partir dos dois principais periódicos nos quais escreviam *A Revista, Verde: revista mensal de arte e cultura*.

142 Idem p. 105-106

143 Idem p. 106

CAPÍTULO 3: MODERNISTAS EM AÇÃO

Neste capítulo passaremos à análise da produção dos dois grupos modernistas de Minas a partir das *A Revista e Verde: revista mensal de arte e cultura*, periódicos nos quais os jovens intelectuais buscaram traçar seus projetos de construção de uma originalidade nacional.

A escolha dos periódicos justifica-se por estes se constituírem em espaço de profícuo debate dos temas e problemas do momento em questão. Além disso, ambas as revistas surgiram em um momento de grande projeção dos grupos modernistas em outras regiões do país e quando estes já se reconheciam e eram reconhecidos como movimento. A obra individual de muitos destes modernistas é de indiscutível importância, mas são esses primeiros ensaios, artigos e poemas que nos são mais valiosos por nos aproximarem do contexto de formação cultural que consideramos decisiva para as trajetórias individuais que iriam se firmar no cenário nacional.

3.1 Redes

A Revista possuiu três números na capital mineira, o primeiro publicado em julho de 1925, o segundo em Agosto e o terceiro já em janeiro de 1926. Seus diretores eram Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gregório Canedo. Já *Verde: revista mensal de arte e cultura* da cidade de Cataguases perdurou por mais tempo possuindo seis números, o primeiro de 1927 e o último de 1929. Foi dirigida por Henrique de Resende, Martins Mendes e Rosário Fusco. As duas publicações seguem um padrão de edição bem simples e buscam se destacar no conteúdo, trazendo ao público, grandes nomes do modernismo brasileiro e, por vezes mesmo do cenário internacional.

Nelas, os poemas apresentados podem ser divididos em quatro grupos. O primeiro reúne aqueles de temas cotidianos como a vida no campo¹⁴⁴, o trabalho braçal na roça¹⁴⁵, o trabalho da lavadeira¹⁴⁶, transeuntes formando a multidão das ruas¹⁴⁷, o Sol e aspectos da natureza¹⁴⁸, as rodas de samba¹⁴⁹. Em um segundo grupo, encontramos poesias marcadas por forte lirismo, tratando de questões ligadas a exaltação da infância e do ambiente familiar¹⁵⁰, do amor distante¹⁵¹, do tédio¹⁵², da melancolia¹⁵³ e solidão¹⁵⁴. Há também as poesias de cunho

144 FERREIRA, Ascenso. O Verde. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 9.

145 FERNANDES, Jorge. Canção ao Sol. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 20.

146 PEIXOTO, F. I. Maria Lavadeira. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p 21

147 RANGEL, Godofredo. A Syncope. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 17

ANDRADE, Mário. Sambinha. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 13.

148 ALPHONSUS, João. Janeiro. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p.29.

149 SANTOS, Theobaldo de Miranda. Blóco. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 22.

THEODORO, Roberto. Samba. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 26

150 OLIVEIRA, Martins. Melancolia. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p.21.

FILHO, João Dornas. Meus oito anos. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 14.

LEVIN, Willy. Infância. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5/suplemento. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 17.

151 BOA, Fonte. Sonia. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 30

152 MOURA, Emílio. Inquietação. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 14

153 ANDRADE, Mário. Convite ao suicídio. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 16-17

154 PEIXOTO, F. I. Ternura. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 25.

MENDES, Martins. Insônia. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-

mais crítico trabalhando temas como o nacionalismo¹⁵⁵, a mestiçagem¹⁵⁶ e a escravidão¹⁵⁷. E como não podia faltar, havia poemas com referência a modernidade com liberdade estrutural¹⁵⁸, ataque ao lirismo exacerbado¹⁵⁹, com musicalidade¹⁶⁰, falando das cidades, fábricas, hidrelétricas, automóveis¹⁶¹.

similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 22

155 LOPES, Ascânio. Descoberta do Brasil. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 22.

FERREIRA, Ascenso. Camelots. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 15.

FUSCO, Rosário. Festa da Bandeira. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 18.

FUSCO, Rosário. Madrigal. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 11

MORAES, Albano de. Patriotismo. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 18

ALMEIDA, Guilherme. L'oiseau Bleu. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 19.

156 CESAR, Guilhermino. Cronica quasi policial da Barróca. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 21.

157 ANDRADE, Mário. Senzala. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 20

CESAR, Guilhermino. Tio Sântana. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5/suplemento. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 5.

158 RENAULT, Abgar. Felicidade. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 10.

NAVA, Pedro. Ventania. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 23.0

159 BANDEIRA, Manuel. Poética. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº 3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 12.

160 NAVA, Pedro. Tejuco. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 23.

161 ANDRADE, Mário. Sambinha. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 13

MOURA, Emilio. Serenidade no bairro pobre. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº.2 Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p.23.

RENAULT, Abgar. Matinal. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-

Na prosa, os assuntos tratados não diferem muito: literatura¹⁶², arte¹⁶³, as cidades Belo Horizonte e Cataguases¹⁶⁴, nacionalismo¹⁶⁵, modernidade¹⁶⁶, mestiçagem¹⁶⁷, renovação e tradição¹⁶⁸, e ainda cinema¹⁶⁹ e alguns ensaios sobre os novos conhecimentos da psicanálise¹⁷⁰.

O perfil das duas revistas começa a se distanciar, quando partimos para a análise de seus colaboradores. Lembrando, desde já, que *Verde* possui três números publicados a mais que *A Revista* e surge em um período posterior quando esta já havia chegado ao fim. Notamos similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 18.

RESENDE, Henrique. Cantos da Terra Verde. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 20.

162 RESENDE, Henrique. A cidade e alguns poetas. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 9-11.

COUTO, Ribeiro. Delícia da confusão. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 15.

ANDRADE, Carlos Drummond. Sobre tradição em literatura. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 32-33.

163 RUIZ, Mário. Nocaute. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 27.

BRANDÃO W. O poema maior. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 34-35.

164 Y. A cidade verde. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 40

J do C. Nós. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 43.

S/A. O 7 de setembro e o Coronel José Viera de Rezende e Silva. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 20-21.

165 LOPES, Ascâncio. A hora presente. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 17.

166 LYS, Edmundo. Viagem sentimental. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº1. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 18-19.

S/A Em defesa da Moda. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 42.

167 LOPES, Ascâncio. A hora presente. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 17

SOARES, Camilo. Ricardo Pinto e um livro. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº2. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 20.

168 ANDRADE, Carlos Drummond. Sobre tradição em literatura. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 32-33.

S/A Os nossos tesouros artísticos. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 46.

RESENDE, Henrique. Literatura de brinquedo. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura.

que *Verde* parece contar com um diálogo mais amplo com outros centros modernistas do Brasil e mesmo da Argentina e do Uruguai. Em *Verde*, há um maior número de resenhas de livros e autores modernistas. Os seguintes nomes passam pela análise dos intelectuais de Cataguases: Achilles Vivacqua, Ricardo Martins, Cassiano Ricardo, Alcântara Machado, Tristão de Ataíde, Ribeiro Couto, Caio de Freitas, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Martins de Oliveira, Paulo Prado, Austem Amaro, Wellington Brandão e Murilo Araújo. Todos estes têm seus livros resenhados e criticados no periódico. Há ainda uma sessão na revista onde são anunciados livros recentemente lançados ou ainda por sair, nesta sessão são citados livros de Ascâncio Lopes, Rosário Fusco, Henrique de Resende, Tristão de Athayde, Guilhermino Cesar, Francisco Ignácio Peixoto, Álvaro Moreira, Antônio Alcântara Machado, Mário de Andrade, Renato de Almeida, Alba de Melo, e Carlos Chiacchio.

Em outra sessão, são apontados os livros e periódicos recebidos pela redação de *Verde*, aí estão presentes volumes de Heitor Alves, Nicolás Fusco Snagone, Jorge Lima, Zolachio Diniz, Saúl de Navarro, Bruno de Martino, Paulo Pongetti, Ruy Cirne e Lima, Tristão de Athayde e Mário de Andrade. E ainda, os periódicos *Festa*, *Electrica*, *Carátula*, *Atlântico*, *Aconcaqua*, *Raça*, *La Sierra*, *Ilustração Paranaense*, *O Cenáculo*, *La Gaceta Literária*, *A Época*, *Feira Literária* e *Martin Fierro*. A lista é exaustiva e demonstra a ampla

Cataguases, nº.2 Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 7.

PRADO, Paulo. Do “Retrato do Brasil”. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5/suplemento. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 2.

169 MARTINS, J. Cataguazes, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5/suplemento. p. 4.

PRADO, Yan de Oliveira. Heróis do cinema. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 24.

170 PIMENTEL, Iago. Sobre psycho-analyse. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 14-15.

FREUD, S. Sobre a psycho-analyse. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 23-26.

LOPES, Ascâncio. Papel do instinto no mundo atual. Freud. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 13

rede de relações dos intelectuais de Cataguases com grandes nomes do modernismo que passa por publicações vindas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Passa Quatro, Bahia, Curitiba, Buenos Aires, Montevidéu, Peru, Pernambuco, Maceió, Porto Alegre e Madrid.

Verde mostra também o caminho inverso desta relação, quando publica artigos de seus colaboradores comentando o movimento de Cataguases e seus integrantes. As críticas sobre *os verdes* são de Alvaro Moreyra, Tasso da Silveira, Antônio de Alcântara Machado¹⁷¹, Mário de Andrade¹⁷², Oswald de Andrade¹⁷³, Carlos Drummond de Andrade¹⁷⁴, Carlos Chiacchio¹⁷⁵, e José Américo de Almeida¹⁷⁶. E assim estabelecia-se o diálogo entre o interior e o resto do país em torno do tema maior de renovação e nacionalismo. No âmbito internacional, temos a presença de nomes como Maria Clemência¹⁷⁷, Norah Borges¹⁷⁸, Ildefonso Pereda Valdez¹⁷⁹,

171 MOREYRA, Álvaro; ANDRADE, Mário; SILVEIRA, Tasso da; MACHADO, Antônio Alcântara. O grupo de “verde” e os outros. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5/suplemento. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p. 10-12.

172 ANDRADE, Mário; ANDRADE, Oswald. Homenagem aos Homens que agem. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 9

173 Idem.

174 ANDRADE, Carlos Drummond. Ascâncio Lopes na Rua da Bahia. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 4.

175 CHIACCHIO, Carlos. O mal do parnasiano. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 16-17.

176 ALMEIDA, José Américo. Mensagem ao Grupo **Verde**. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 3

177 Ilustração de Maria Clemência. **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 2.

_____. **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p.7.

178 Ilustração de Norah Borges. **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p.4.

179 VALDEZ, Ildefonso Pereda. A Germana Bittencourt. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p.21.

Nicolas Fusco Sansone¹⁸⁰, Marco Fingerit¹⁸¹ e Blaise Cendrars¹⁸².

Quando partimos para a análise de *A Revista* verificamos que esta rede intelectual é menor. Temos poucas resenhas e críticas e nenhum colaborador internacional. *A Revista* possui uma seção chamada *Os livros e as Idéias* onde se encontram as resenhas de livros nacionais e internacionais, já no número de estréia esta seção traz a seguinte nota apontando as dificuldades do grupo:

O objetivo desta seção é limitado. Não pretendemos fornecer ao leitor uma visão de conjunto da produção literária nacional, e muito menos da estrangeira. Esta difícil tarefa de ser realizada no Rio e em São Paulo seria impraticável em Minas, que mantém escasso intercâmbio intelectual com os outros estados e com o estrangeiro recebe apenas o que lhe enviam os editores portugueses e franceses. Mesmo dos últimos, muita coisa não chega até as Gerais ou se chega é com um atraso desanimador. Assim não prometemos senão aquilo que está em nossas mãos: uma crítica nem sempre justa, porém sempre bem intencionada (...) Esperamos pois que ninguém se indignará se dissermos que esta seção será honestamente apaixonada. Eis a nossa melhor defesa.¹⁸³

Apesar dos obstáculos *A Revista* traz nomes importantes nesta seção: *Meu* de Guilherme de Almeida¹⁸⁴, *Espírito Moderno* de Graça Aranha¹⁸⁵, *A escrava que não é Isaura* de Mário de Andrade¹⁸⁶, *Rosas de Sangue* de Octávio Oliveira¹⁸⁷, *O Imaginário* de Flexa

180 SANSONE, Nicolás Fusco. El Nocturno de los cuerpos Anhelantes. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº5. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p.11.

181 FINGERIT, Marco. Josefina Baker. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 8.

182 CENDRARS, Blaise. Aux Jeunes Gens de Catacazes. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº3. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 11.

183 Nota. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p.56-57.

184 Os Livros e as Idéias. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 48-49.

185 Idem, p. 49.

186 Idem, p. 49-50.

187 Idem, p. 50-51.

Ribeiro¹⁸⁸, *Memórias sentimentais de João Miramar* de Oswald de Andrade¹⁸⁹, *Feuilles de Route* de Blaise Cendrars¹⁹⁰, *Anatole France em Pantoufles* de Jean Jaques Brousseau¹⁹¹, *Epigramas irônicos e sentimentais* de Ronald Carvalho¹⁹², *Seara de Emoção* de Wellington Brandão¹⁹³, *Sob a garra do sonho* de Ruy Gomes¹⁹⁴, *XX Siècle* de Benjamim Cremieux¹⁹⁵, *L'Europe Galante* de Paul Morand¹⁹⁶, *Paulística* de Paulo Prado¹⁹⁷, *Asas e Patas* de Paulo Siveira¹⁹⁸, *El Arquero e La Casa Iluminada* de Ildefonso Pereda Valdez¹⁹⁹ e sobre o terceiro Número de *Estética*²⁰⁰. No geral, estas críticas destacam como pontos negativos o lirismo exacerbado, o olhar acadêmico, o classicismo, a ausência do espírito construtivo e como pontos positivos, o espírito construtivo, a originalidade, o resgate histórico, o novo e o sentimento de brasilidade, ou seja, o conhecido arcabouço teórico do modernismo se encontra presente nos critérios de avaliação destas obras.

Em seu segundo número, *A Revista* traz uma outra nota interessante para alcançarmos sua rede de relações. Nela, estão os agradecimentos aos jornais e revistas que noticiaram o aparecimento de seu primeiro número.

Somos imensamente gratos a todos os nossos brilhantes e generosos confrades que com palavras de franca simpatia e mesmo de entusiasmo noticiaram o aparecimento do primeiro número de A Revista. A escassez de espaço não nos

188 Idem, p. 52-53.

189 Idem, p. 53-54.

190 Idem, p. 54.

191 Idem, p. 55

192 Os Livros e as Idéias. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 49-50

193 Idem, p. 50-51.

194 Idem, p. 51-52.

195 Idem, p. 52-53.

196 Idem, p. 54-55

197 Os livros e as Idéias. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 44-45

198 Idem, p. 45-47

199_ Idem, p. 50-52

200 Idem, p. 47-49

permite transcrever, como era nosso desejo, as amáveis expressões de que se serviram os nossos colegas. Mas aqui ficam os nossos agradecimentos a todos e entre eles ao Minas Gerais, Diário de Minas e o Belo Horizonte desta Capital. A Pátria, O Paiz e a Gazeta de Notícias do Rio. A Gazeta comercial de Juiz de Fora, ao Oeste Jornal de Dores do Indaiá, ao Monte Carmelo de Monte Carmelo, a Cidade de Patrocínio, a Estrella Sul de Estrella Sul, etc.etc.²⁰¹

Como registrado, a estréia de *A Revista* parece ter repercutido mais dentro de Minas, sendo citados apenas os jornais *A Patria*, *O Paiz* e *Gazeta de Noticias* do Estado do Rio de Janeiro.

Após os dois primeiros números, *A Revista* parece ganhar força e os intelectuais da Rua da Bahia já se mostram envaidecidos. As redes de sociabilidade parecem se expandir gerando um otimismo e confiança no grupo mineiro. Com colaborações de peso, apresentam trabalhos de Ronald Carvalho, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a qualidade da produção literária que lhe oferecemos com este número por muitos títulos excepcionais. Parecia difícil senão impossível dotar Minas com uma publicação que conservando o máximo de cor local refletisse nitidamente as aspirações coletivas da nova intelectualidade brasileira. *A Revista* não é mais uma tentativa neste sentido. É uma tentativa feliz, ousamos afirmar agora recapitulando a nossa atividade nos primeiros meses de existência. Agradam-nos os resultados obtidos. Porém não nos satisfazem. Pretendemos trabalhar ainda mais. Trabalhar a valer pela tolice de trabalhar como dizem os profissionais do desencanto. Este terceiro número fala melhor que os nossos projetos. Entre vários outros nomes de responsabilidade na obra de renovação cultural do país assinam trabalhos de Ronald Carvalho, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e Mário de Andrade. São os poetas mais representativos do nosso momento, os que já realizaram mais, e os que concentram maiores possibilidades quanto a cristalização de um sentimento nacional em poesia. Qualquer destes nomes envaideceria uma publicação literária. Os quatro reunidos produzem uma singular impressão de força que estamos certos, nossos leitores saberão estimar em sua justa significação a de um índice poderoso da renascença espiritual do Brasil²⁰².

201 Nota. **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 58.

Apesar de tamanho entusiasmo, *A Revista* não passaria deste terceiro número devido a dificuldades financeiras e a dispersão causada pelos projetos individuais.

3.2 Projetos

Vejamos mais de perto os projetos e características marcantes dos dois periódicos.

Um primeiro ponto a ser destacado é a distinção entre os dois movimentos. Mesmo com colaborações dos mineiros da capital no projeto dos *Verdes*, os intelectuais de Cataguases destacam sua independência frente aos modernistas de Belo Horizonte. “*Somos Nós. Somos Verdes*”, com estas duas frases, os jovens da Verde forjam uma identidade própria frente aos demais modernistas que não assinam seu manifesto, são seus signatários: Henrique de Resende, Ascâncio Lopes, Rosário Fusco, Guilhermino César, Christophoro Fonte Boa, Martins Mendes, Oswaldo Abritta, Camilo Soares e Francisco I. Peixoto.

A distância entre os dois movimentos é claramente delineada no *Manifesto Verde*²⁰³, quando neste, é citada a importância de *A Revista* e de seus idealizadores para a inovação moderna em Minas, para em seguida a distinção ser ratificada. “*Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literária deles.*”²⁰⁴ Outros dois pólos de agitação modernista são citados, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo. Os Verdes dizem acompanhar todas as suas inovações e renovações estéticas, tanto na literatura como também nas demais “artes bellas”. Guilhermino César confirma isso ao comparar a relação dos *Verdes* com os outros centros do movimento

202 Marginalia: os nossos colaboradores. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 53-54.

203 Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguardas Européias e modernismo brasileiro**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 351

204 Manifesto do Grupo Verde de Cataguases. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguardas Européias e modernismo brasileiro**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

modernista em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, enfatizando a maior influência dos dois últimos²⁰⁵. A relação entre os dois movimentos de Minas existia, mas a marca da distinção era evidente. Este discurso pode servir como forma de construção de uma identidade através da relação com o outro já que a diversidade interna e as várias correntes de influência presentes na produção os impedia de constituir uma identidade com características próprias marcantes, principalmente, entre os Verdes que utilizavam o espaço do periódico para promover amplo diálogo entre vários segmentos do modernismo, contando com muitos e diversificados colaboradores.

Sai o terceiro número. Alguns críticos, o que ainda nos embaraçou, consideram verde a melhor revista literária moderna do Brasil, pelo fato de haver congregado num só grupo, todos os grupos modernos de valor do país. (...) Mário e Alcantara, os bichões, nos escrevem pedindo pra que verde não morra. Aí por esta altura ficamos importantes²⁰⁶.

A influência paulista parece a mais marcante. A Semana de Arte Moderna de 1922 aparece como um ponto de partida que despertaria nos rapazes do interior uma nova visão do mundo. Este é outro diferencial entre o movimento do interior e o da capital. Enquanto no primeiro a repercussão da Semana de 22 fazia barulho, para os da capital o evento pouco se fez notar. Para os intelectuais da capital, a origem das agitações modernistas estava diretamente ligada à visita dos modernistas paulistas a Minas Gerais, a já citada *Caravana Paulista*.

Mesmo com a consolidação da *Revista Verde*, a discussão sobre a originalidade do grupo continua e aparece, por exemplo, em carta de Rosário Fusco a Mário de Andrade e em publicação do próprio Mário em *O Jornal* de 7/4/1929, artigo transcrito na revista Verde de maio do mesmo ano²⁰⁷. Nestes dois momentos, a questão colocada é sobre a influência da

205 CÊSAR, Guilhermino. Os Verdes da Verde. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases. Ed. Fac-similar. 1927-1929. São Paulo: Metal Leve, 1978. Não paginado.

206 RESENDE, Henrique. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº4. Ed. Fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.p. 7.

207 ANDRADE, Mário. Movimento. In: **Verde**: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº6. Ed. Fac-

Escola paulista em *Verde*, como que buscando uma palavra de Mário que os libertasse desta ligação e lhes mostrasse o caminho próprio.

Você me pede uma receita para se libertar de mim, receita nestes casos não há, creio (...) certas tendências gerais é possível aceitar, usar, sem que haja influência. Há aceitação de princípios, nada mais. Se os outros chamarem isso de influência, a besteira é tão desumana, tão individualista que não pode interessar um indivíduo socializado²⁰⁸.

Os moços de Cataguases se auto-definem como objetivistas, nacionalistas de alto a baixo e pouco preocupados com o escândalo ou vaias que possam provocar no público. O nacionalismo por eles professado pode sim ser considerado um ponto comum em relação aos companheiros da capital, mas, mesmo aí, precisamos apontar divergências.

O espírito nacionalista, a valorização da cultura brasileira e das coisas da nação é presença marcante nestes primeiros anos do modernismo no Brasil e isto não foi diferente entre os *Verdes* e os do *Grupo do Estrela*. No entanto, a vivência do espírito nacionalista se fez sentir de forma diferente entre eles. Enquanto os intelectuais da *Verde* usam o discurso do rompimento radical com as influências vindas de fora do país, os jovens da capital assumiram sua ligação junto ao que chamam de “correntes civilizatórias” da Europa, sem, no entanto, quebrar a originalidade nacional.

A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenofobia nem o chauvinismo, o que, longe de repudiar as correntes civilizatórias da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra da nossa originalidade nacional²⁰⁹.

Aqui identificamos uma das tensões presentes no projeto modernista de *A Revista*. Estamos falando do nacional e do universal, ou seja, a exaltação do que é expressão nacional, mas que ao mesmo tempo é resultado da influência de correntes estrangeiras como as

similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. p.23.

208 Carta de Mário de Andrade à Rosário Fusco. São Paulo, 17 de Dezembro de 1931

209 Para os céticos. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p.12.

vanguardas européias.

Outra relação de tensão pode ser identificada em *A Revista*, desta vez entre renovação e tradição. A idéia de renovação ou mesmo de revolução não implicava para aqueles jovens uma ruptura total com o passado, nem mesmo uma negação do que era considerado tradicional. Se por um lado repudiavam-se os esquemas versificatórios tradicionais, por outro, se valorizava o passado cultural de Minas representado por suas cidades históricas. Neste sentido, deve ser creditada aos modernistas a luta pela valorização das artes, das cidades coloniais e do estilo barroco. Entre renovação e conservação os modernistas projetavam o futuro.

(...) um dos nossos fins principais é solidificar o fio das nossas tradições. Somos tradicionalistas no bom sentido.

Opomo-nos a qualquer desbarato da nossa pequena herança intelectual. Se adotamos a reforma estética, é justamente para multiplicar e valorizar o diminuto capital artístico que nos legaram as gerações passadas²¹⁰.

O caráter mais conservador de *A Revista*, ligada ao tradicionalismo não a coloca na contramão dos movimentos modernistas. Seu papel de agitadora do meio cultural belo-horizontino é bem destacado nos editoriais dos dois primeiros números. Já em *Para os scepticos* o programa do grupo é definido em uma palavra: *Ação, no sentido de vibração, luta, esforço construtor, vida.*²¹¹

Um importante conjunto de fontes ajuda-nos a entender melhor este perfil marcado pela *Ação* que se constrói dentro d'*A Revista*, são elas as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Vejamos a construção deste projeto (*Ação construtiva*) através do estudo das citadas correspondências.

O primeiro encontro dos poetas ocorreu em 1924, na capital Belo Horizonte, por ocasião da passagem de Mário de Andrade com a *Caravana Paulista*. A partir desta data,

210 Para os espíritos criadores. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p.11

211 Para os cétricos. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p.11.

iniciou-se uma rica correspondência entre o grupo modernista de São Paulo e os mineiros que iniciavam sua trajetória no modernismo.

Mário de Andrade e Drummond são duas figuras que se destacam neste cenário e no intercâmbio que se estabeleceu entre o movimento mineiro e o paulista. Os amigos construíram um vasto corpo de correspondências, nas quais, não é difícil identificar o intercâmbio de idéias, a construção dos laços afetivos, o debate intelectual e a conseqüente formação de opiniões.

Neste ponto, torna-se necessário destacar algumas questões importantes no que se refere ao tratamento das cartas como objetos e fontes de estudo e ainda lugar privilegiado para o estudo das sociabilidades. Em primeiro lugar, é bom lembrar que o corpo de correspondência trabalhado é de caráter pessoal, portanto, não foi elaborado visando à publicação, o objetivo era estabelecer um diálogo entre amigos. Somos, portanto, observadores imprevistos. Neste sentido, as cartas pessoais constituem um espaço de interpenetração entre o privado e o público, onde texto e vida se misturam na formação identitária do indivíduo e do intelectual²¹². Diferente dos espaços públicos comuns às revistas, aos manifestos e aos colóquios, a relação que se estabelece nas missivas é de troca e só se completa através do outro, neste caso, um destinatário específico e determinado.

O convívio entre intelectuais é fundamental para o desenvolvimento de idéias e sensibilidades. Para escreverem, pintar, compor, entre outros, o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que ao mesmo tempo o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo²¹³.

Por esta época, Mário de Andrade já era conhecido como um intelectual diferenciado, entusiasta “futurista”, com obras publicadas e vasta rede de relações no cenário cultural do

212 GONTIJO, Rebeca. “Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 165-166.

213 GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. IN: GOMES, Angela de Castro (ORG). **op. Cit.** p. 51.

país. Já Drummond, de formação interiorana, deixou sua cidade Itabira, para continuar os estudos em Belo Horizonte, onde cursou a Faculdade de Farmácia. Nesta amizade, ele procura no correspondente um interlocutor experiente a quem está sempre pedindo opinião e conselhos. Porém, esta relação não é de mão única entre o tutor e seu discípulo. Drummond acolhe as opiniões do amigo, mas também emite muitas, o que torna o corpo documental rico em debates.

A relação epistolar se inicia com um formal *Prezado Mário de Andrade*²¹⁴ que logo se estreita para um *Mário queridíssimo*²¹⁵, *Mário Velho de guerra*²¹⁶ e em resposta recebe afetivos *Carlos do coração*²¹⁷, *Carlos sempre pensado*²¹⁸. O próprio Mário louva a ousadia de Drummond já na segunda carta de 22 de novembro de 1924 e se mostra feliz com isso.

A sua carta é simplesmente linda. E tem uma coisa que não sei se você notou. A primeira vinha um pouco de fraque. A segunda era natural que viesse de paletósaco. Mas fez mais. Veio fumando, de chapéu na cabeça, bateu-me familiarmente nas costas e disse: Te incomoda? Eu tenho uma vaidade: a deste dom de envelhecer depressa as camaradagens. Pois, camarada velho, sente-se aí e vamos conversar²¹⁹.

Como camaradas, eles irão falar sobre literatura, felicidade, casamento, família, política, amizades, inimizades, obras, idéias e tudo mais que possa aparecer entre uma conversa entre amigos. Como nosso objetivo se restringe ao período de existência do grupo modernista de Belo Horizonte – 1924/1930 – não abarcaremos todo o conjunto destas correspondências que vai de 1924 a 1945, ano da morte de Mário.

214 SANTIAGO, Silvano. **Carlos & Mário**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 40

215 Idem, p. 88

216 Idem, p. 144

217 Idem, p. 194

218 Idem, p. 125

219 Idem, p. 66

A preocupação com o nacionalismo é uma das primeiras a aparecer nas missivas e se mostra indispensável para compreendermos a concepção de *Ação* presente no projeto do *Grupo do Estrela*. É entre os anos de 1924 e 1925 que o debate relativo ao conceito se mostra mais vivo. Já na primeira carta-resposta, Mário de Andrade convoca Drummond para a missão: *Carlos, devote-se ao Brasil junto comigo*. (10 novembro de 1924)²²⁰. Em carta anterior, o jovem Drummond havia lhe enviado artigo sobre Anatole France pedindo a avaliação de Mário, que não demora em perceber no rapaz grande influência da literatura francesa. Partindo desta observação, Mário chama o amigo para se juntar ao sacrifício dele e de outros de dar alma ao Brasil. O diálogo continua e em resposta Drummond logo se define como não suficientemente brasileiro para aceitar a empreitada. Dá-se a partir de então o processo de convertimento de Carlos Drummond de Andrade à sua terra.

Em suas primeiras cartas, Drummond se exprime como um exilado, não se sente bem em ter nascido em paisagens incultas, acha o Brasil um país desprovido de atmosfera mental, de arte, de literatura e termina por afirmar que deveria ter nascido francês.

Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito. Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão confesso. É que nasci em Minas, quando deveria nascer (não veja cabotinismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. O meio em que vivo me é estranho: sou um exilado. (...) Sabe de uma coisa? Acho o Brasil infecto. (22 de novembro de 1924)²²¹

Drummond diz concordar com Mário em um ponto: é preciso civilizar o Brasil, e desta forma incorporá-lo ao movimento universal das idéias, porém, os dois discordam quanto ao caminho que levaria o Brasil à civilização. Para Mário, este caminho faz a trajetória de dentro para fora, é preciso *Viver* o Brasil, *Ser* brasileiro. Neste sentido, para Mário, o amigo Drummond vive “*literatices*”, abstrações em letra de forma, sabedoria de papel,

220 Idem, p. 51.

221 Idem, p. 56.

filosofia escrita – nada prático, nada relativo ao mundo, à vida, à natureza, ao homem²²² por isso não sabe *Ser nacionalista*. A argumentação de Mário vai seguir sempre no contraponto entre vivência prática (*Ação*) e intelectualismo literário, este último seria o grande mal de Drummond já despaisado pela influência dos livros estrangeiros.

Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com o seu passado, com as suas necessidades imediatas, práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a natureza, com a família etc; ninguém que seja verdadeiramente deixará de ser nacional. (sem data 1924)²²³

O contra-argumento de Drummond vem em seguida e ele se apóia no princípio da liberdade, a mesma liberdade reivindicada pelos modernistas do Rio e São Paulo. Para ele, há várias maneiras de *Ser* e não se pode obrigar as inteligências a situar a sua atividade na paisagem mais ou menos restrita da sua pátria. *Uma pátria é um acaso como os outros* (30 dezembro de 1924)²²⁴. Daí o seu direito de exercer a liberdade espiritual de ser brasileiro, norueguês, tchecoslovaco ou mais freqüentemente francês²²⁵. Apesar do contra-argumento que usou em resposta a Mário, justificando seu nacionalismo defeituoso, nesta mesma carta Drummond novamente corrobora com a necessidade de civilizar o país. Agora trazendo um elemento novo, a idéia de valorizar as tradições nacionais. Aqui aparece um ponto contraditório; ao mesmo tempo em que, em cartas anteriores, o jovem mineiro aponta o Brasil como um país infecto, sem atmosfera mental, literária ou artística, um ambiente nocivo à expansão do espírito, Drummond aparece defendendo a valorização das tradições nacionais como forma de civilizar o país.

Agora de pleno acordo com você: é preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la, aí cada um ajudará na medida de suas forças,

222 Idem, p.66.

223 Idem,

224 Idem, p. 79.

225 Idem, p.79.

como puder e, principalmente como quiser. Enfim, Liberdade!²²⁶

Drummond pode ainda não se dar conta, mas o caminho da valorização da tradição é o nacionalismo de dentro para fora, é a orientação brasileira tanto almejada por Mário, para quem o universal, o civilizatório, só seria alcançado através da originalidade nacional, não no mimetismo do que vem de fora.

Ao reconhecer o valor das tradições nacionais, Drummond inicia seu processo de convertimento à pátria e não surpreendentemente na carta de janeiro de 1925 faz a seguinte afirmação: *Sou hoje brasileiro confesso. E graças a você, meu Caro!*²²⁷ Pouco tempo se passou desde o Brasil infecto até a brasilidade confessada. A partir de então, o poeta se insere na busca modernista de construção nacional. O conjunto completo dos elementos motivadores desta “conversão” nacional nos escapam ao conhecimento. As leituras, as vivências, as conversas informais também são formadoras de opinião, porém as cartas trocadas com o amigo Mário foram de fundamental importância para que tal fato ocorresse. Segundo palavras do próprio Drummond de fevereiro do mesmo ano:

Ah! Quando penso que também eu andei a esmo pelos jardins passadistas, colhendo e cheirando flores gramaticais, e bancando atitudes de sabedoria! Pois veio o imprevisto e me expulsou do jardim. Você, com duas ou três cartas valentes acabou o milagre. Converteu-me à terra. Creio agora que, sendo o mesmo, sou outro pela visão menos escura e mais amorosa das coisas que me rodeiam²²⁸.

Saindo da instância do privado para o público vemos ecoar o nacionalismo convertido de Drummond n'*A Revista*. No editorial – *Para os Scepticos* – os mineiros deixam claro seu programa: AÇÂO. Abandonam-se as *literatices*, as concepções estrangeiras forjadas fora da experiência nacional e parte-se com um forte espírito construtor no intuito último de *Ser* nacional.

226 Idem, p.80

227 Idem, p. 83

228 Idem, p.95.

Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apóia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenofobia nem o chauvinismo, e que, longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra da nossa originalidade nacional²²⁹.

Desta maneira *A Revista* se apresenta ao público. Não é difícil identificar neste conceito de *Ação* associado ao de nacionalismo a influência de Mário de Andrade.

Apesar de teorias e teorias de que já ando farto o que eu vejo nos artistas fecundos, não digo artistas grandes, é total abandono das atitudes literárias e apego a atividades vitais. São seres de relação e por isso são muito mais que os outros. (23 agosto de 1925).²³⁰

A análise dos dois periódicos aponta para um ponto comum que é o engajamento dos modernistas mineiros no projeto de construção de uma cultura genuinamente brasileira, porém uma observação mais detalhada revela também diferenças.

A Revista, com uma rede de relações menor, construiu um perfil mais bem definido. Defende o resgate da tradição, do patrimônio das cidades históricas de Minas e sempre permeada pelo conceito da *Vis Construtiva*. Esta *Ação* criadora aparece não só no editorial do primeiro número, mas dissolvida em alguns artigos em seu interior²³¹. Uma *Ação* que se volta para a realidade através da observação do cotidiano, a fim de entender como é *ser*

229 Para os cétricos. **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, nº1, 1978. p. 11

230 SANTIAGO, Silviano. op.cit.p. 140.

231 DRUMMOND. Magalhães. Momento Brasileiro. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 17-18.

Para os Cétricos. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 11-13.

Para os espíritos criadores. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 11.

Marginalia. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 56

MOURA, Emílio. Da poesia moderna. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p. 17.

_____. Renascença do Nacionalismo. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº1. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 36.

brasileiro. É o nacionalismo de dentro para fora como queria Mário de Andrade. Vejamos algumas passagens onde isso fica claro:

A vida moderna esta ai a exigir da nossa atividade intelectual o máximo de pragmatismo possível. Não temos mais os puros artistas, os poetas puramente poetas como o era Alphonusus. (...) Em primeiro lugar a realidade, a vida cotidiana, a luta, depois a arte.²³²

A entrada de elementos prosaicos mais ou menos cotidianos na poesia moderna só pode ser considerada como uma inteligente reviravolta. Há notações finas e deliciosas, linhas profundamente emotivas e admiravelmente delineáveis em temas que se acreditavam vulgares ou anti-poéticos. Já há um mundo fora do Olimpo. As imagens não tendem a estatuação, mas ao movimento e a vida; agitam-se, ondulam, nesse perpetuo ritmo de humanização. São idéias que vivem ao nosso lado, emoções primitivas; linhas ou cores que dizem, com desembaraço de algum momento de electricidade criadora.²³³

Já *Verde*, como vimos, mais aberta ao diálogo e a outras vozes, apresenta uma identidade vulnerável, marcada pela presença de textos inovadores e nomes ilustres de grande valor para a literatura. No entanto, fica a impressão de que pouco de “*verde*” existe em “*verde*”.

232 Marginalia. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 56.

233 MOURA, Emílio. Da poesia moderna. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.p. 17.

CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho, mais que conhecermos o perfil e os projetos das duas vertentes do modernismo em Minas, afirmamos a relevância do conceito de sociabilidade intelectual e de seus desdobramentos para o estudo dos atores culturais e de suas produções. Através deste arcabouço teórico, nos foi possível problematizar nossas fontes e construir nosso método de trabalho no trato do objeto em questão.

Os modernistas em Minas viveram as exigências de uma época que ansiava por renovação e construção de novos modelos. Era a missão civilizadora que se associava à busca da especificidade nacional. Restava-lhes agir.

Ao Brasil desorientado e nevrótico de até agora, oponhamos o Brasil laborioso e prudente que a civilização está a exigir de nós. Sem vacilação, como sem ostentação. É uma obra de refinamento interior, que só os meios pacíficos do jornal, da tribuna e da cátedra poderão veicular²³⁴

Os jornais, a tribuna, a cátedra, foram ocupados pelos intelectuais modernistas no percurso desta missão. Neste momento de formação, os meios utilizados foram os periódicos, *A Revista e Verde: revista mensal de arte e cultura*, que possibilitaram o diálogo destes com o resto do Brasil ou mesmo com interlocutores de outros países.

Olhados de perto, os dois periódicos tiveram um curto período de vida e talvez não tenham atingido sólidos caminhos como almejavam, mas, eles não devem ser olhados isoladamente, eles só ganham sentido se conectados ao movimento maior do modernismo nacional. Foram eles que abriram espaço para que as vozes destes jovens fossem ouvidas e seu fazer literário amadurecesse. Portanto, as revistas só fazem sentido dentro deste contexto. Jovens, irreverentes e ainda experimentando a literatura, os moços de Minas foram recebidos

234 Para os espíritos criadores. In: **A Revista**. Belo Horizonte, nº2. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978. p.11

como a realização da luta por renovação dos modernistas e seus periódicos, mais que a publicação de projetos, é a execução destes.

A importância das manifestações do modernismo em Minas está, portanto, na composição do geral. Não se produz cultura isoladamente. Os mineiros vieram em resposta ao clamor de renovação e foram bem recebidos, estabelecendo-se assim uma ampla rede de relações misturando amizade e literatura num profícuo movimento que olhava para o Brasil construindo parte de sua história. As revistas foram apenas o primeiro espaço utilizado por estes intelectuais e possibilitou a socialização (circulação) das idéias, têm, assim, importância na medida em que serviram de veículo não só para o intercâmbio de idéias como de lugar de amadurecimento intelectual.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil: Objetos e Práticas**. Campinas, SP: Mercado de letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP; Fapesp, 2005.

ALPHONSUS, João. **Rola-Moça**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna**. Belo Horizonte: PUC Minas: C/Arte, 2004.

ANDRADE, Mário. **Táxi e crônicas no Diário Nacional: estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 2005.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o Poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

BOMENY, Helena. **Os Guardiães da Razão: modernistas mineiros**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Tempo Brasileiro, 1994.

BURKE, Peter (org). **A escrita da história**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro F. S. & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel –Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil**: ensaios sobre idéias e formas. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Horizontes Modernistas**: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DIAS, Fernando Correia. **O Movimento Modernista em Minas**: uma interpretação Sociológica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO – pós 1930/Coordenação; Alzira Alves de Abreu...[et al] Ed. Revista e atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

FABRIS, Annateresa. (org). **Modernidade e Modernismo no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras, 1994.

FALCON, Francisco. **História Cultural**: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERREIRA, Marieta de M. A nova “Velha História”: o retorno da História Política. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, volume 5, numero 10,1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína; PORTELLI, Alessandro. **Usos e abusos de História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella.(orgs.) **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa Gente do Rio**: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____ **Escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JUNQUEIRA, Ivan. (cord.) **Escolas Literárias no Brasil.** Tomo II. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

LEENHARDT, Jacques. PESAVENTO, Jatahy. (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

LORENZO, Helena Carvalho de. & COSTA, Wilma Peres da (org.). **A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: UNESP, 1997.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945).** São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MIRANDA, Wander Melo. (org). **Narrativas da modernidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NAVA, Pedro. **Baú de Ossos** (memórias 1) 6^oed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Beira-Mar.** 2 edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a Política no Brasil:** entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **Intelectuais, História e Política:** séc. XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

REMOND, René.(org). **Por uma história política**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco; FRITIZ, Felipe; JÚLIO, Roberto. **Mercúrio**: mensário dos novos tempos; um jornal de transição para o modernismo em Cataguases (1925-1927). Cataguases: Funcec, 2008.

RIBEIRO FILHO, Joaquim Branco. **Verdes vozes modernistas**. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2006.

_____ **O Movimento Verde**: a poesia vanguardista de Cataguases na década de 1920. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2005.

_____. **Passagem para a modernidade**: transgressões e experimentos na poesia de Cataguases: década de 1920. Cataguases: Instituto Francisca Peixoto, 2002.

RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean François. (org). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SANTIAGO, Silviano. **Carlos & Mário**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHIMIDT, Benito (org). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

VALE, Vanda Arantes. **Memória e Memórias de Pedro Nava** – Uma apresentação. I Encontro do Centro de Estudos Do Oitocentos. São João Del Rey, 2004.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora

Universidade de Brasília, 1982.p.12.

Periódicos:

A Revista. Belo Horizonte, nº 1,2,3. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.

Verde: revista mensal de arte e cultura. Cataguases, nº 1,2,3,4,5,6. Ed. Fac-similar: Metal Leve, 1978.